

TERCEIRA IDADE:



VIDA E DIGNIDADE

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB - lançou, na quarta-feira, dia 5 de março, a Campanha da Fraternidade 2003 com o tema *Fraternidade e Pessoas Idosas* e o

lema *Vida, dignidade e esperança*.

Na Unisinos, uma equipe com representantes de todos os Centros de Ensino, Pesquisa e Extensão estão preparando uma programação com atividades que se realizarão ao longo de todo o ano. O Núcleo Temático da Terceira Idade – Nutti – da Unisinos participa ativamente dessa programação.

O *IHU On-Line* aborda esse tema trazendo uma entrevista com a gerontóloga social e professora da Unisinos, Sonia Bredemeier, depoimentos de pessoas da terceira idade de dentro e fora da Comunidade Universitária e um artigo da demógrafa e pesquisadora do Setor Ética Cultura e cidadania do IHU, professora Olga Collinet Heredia. Repercutem ainda as grandes manifestações, em todo o mundo, do *Dia Internacional da Mulher*, no dia 8 de março. Este ano elas foram marcadas pela denúncia da loucura norte-americana da guerra e pelo anúncio da possibilidade da paz. Manifestações que terão no dia 15 de março, um novo momento forte. *Paz, relações de gênero e terceira idade* são os temas centrais deste *IHU On-Line*.

PLANEJAR O FUTURO

Entrevista com a Profª MS Sonia Bredemeier

A professora Sonia Mercedes Lenhard Bredemeier, 62, é doutoranda em Serviço Social pela PUCRS, mestre em Metodologia em Serviço Social, especialista em Supervisão em Serviço Social. e em Gerontologia Social, pela mesma universidade. Sonia integra o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Idoso de São Leopoldo, no qual representa a Unisinos. Trabalha, também, num projeto de extensão voltado para a terceira idade, vinculado ao Núcleo Temático da Terceira Idade – Nutti, ligado aos Centros de Ciências Humanas e da Saúde.

IHU On-Line- Quando inicia a chamada “terceira idade”?

Sonia Bredemeier- Pela Constituição de 1988, a terceira idade começa aos 65 anos. Pela política Nacional do Idoso, aos 60 e pela lei de Assistência Social, aos 67.

IHU On-Line- Qual o principal desafio das pessoas idosas da região do Vale dos Sinos?

Sonia Bredemeier- Em São Leopoldo, há 12 mil idosos. O poder aquisitivo cai muito. O valor da aposentadoria nunca é igual ao do salário, e os gastos, especialmente em saúde, crescem muito. Os próprios planos de saúde são muito mais caros para esta faixa etária. Um dos maiores desafios é as pessoas, quando idosas, se posicionarem mais como cidadãs. Há uma cultura de submissão. É um desafio, porque essa mentalidade não é própria dessa idade, ela já existia anteriormente na vida delas.

IHU On-Line- Como se dá a convivência de pessoas idosas numa sociedade que sobrevaloriza o novo?

Sonia Bredemeier- Os parâmetros que a sociedade estabelece como agradáveis giram em torno da juventude, saúde, beleza..., por isso os grupos de convivência dos idosos têm um papel fundamental. O pré-conceito em relação à terceira idade está nos próprios idosos “estou velho, feio, enrugado...”. Mas, é aí também que muitas pessoas criam formas de viver diferenciadas e fazem trabalhos voluntários, voltam à universidade, procuram grupos de dança, fazem turismo, buscam a espiritualidade, redescobrem novas responsabilidades na casa, cuidam dos netos, etc. A complicação maior é quando aparecem problemas de saúde que as famílias não têm infra-estrutura para acompanhar.

IHU On-Line- Quais os medos mais próprios da última etapa da vida?

Sonia Bredemeier- O medo da morte, o envelhecimento sem qualidade. O medo de ser dependente, de perder as capacidades, não ver, não ouvir... A finitude e a morte são temas tabus sempre, mas nessa época, se tornam uma ameaça. É comum na nossa sociedade que as pessoas pensem “eu quero morrer, não quero ficar velho”. Há uma dificuldade de planejar o futuro. Trabalhamos e nos aposentamos sem planejar o que faremos depois. Isso deve ser revertido. Há medo de perder a identidade numa casa de saúde, porque lá cada um passa a ser “a vovó” e “o vovô”, há uma perda da identidade. O trabalho é uma questão chave na terceira idade. A aposentadoria significa uma ruptura, um choque, que precisa ir se refazendo aos poucos.

IHU On-Line- Qual está sendo a sua experiência pessoal?

Sonia Bredemeier- Para mim, está sendo uma fase muito boa. Maior maturidade, experiência, o que dá uma capacidade de lidar melhor com as situações. Temos um passado para recordar. A experiência faz com que olhemos as coisas com mais distância, não enlouquecemos com uma doença ou outro problema. Criei meus filhos, cuidei dos velhos de minha família, continuei a estudar, estou fazendo o doutorado e tentando socializar o que tenho. Quando não puder trabalhar mais na universidade, na comunidade há mil lugares onde poderei trabalhar, porque já construí minha vida nesse sentido. A sociedade me propiciou *N* oportunidades, pelas quais eu lutei também, mas tenho um compromisso de potencializar o conhecimento, tenho meus compromissos e deveres com a sociedade.

O contato com os alunos rejuvenesce, mas eu também contribuo com a formação deles e a sua maneira de ver o mundo.

ENFRENTAR A SOLIDÃO

Depoimento de uma dona de casa

Elsa da Silva, 75, natural de Venâncio Aires, mora na Vila São Jorge, em São Leopoldo, do lado da Estação Unisinos do Trensurb. Viúva há 17 anos, Elsa é mãe de dez filhos e atualmente mora com um deles.

“Eu trabalhei sempre em casa, cuidando dos filhos, mas hoje as coisas mudaram muito. Vinte anos atrás, eu tinha outra força, outra disposição, não tinha queda de pressão, a família era mais unida”. Elsa, que estudou até a quarta série, considera que os jovens hoje têm um dinamismo muito maior que os da de sua época. “Hoje parecem sempre dispostos, antes éramos mais parados”, disse. Segundo ela, a solidão é uma das questões mais difíceis de superar. “Meus filhos não vêm, apesar de que todos moram aqui perto. Tenho uma filha em Estância Velha que é quem me leva ao médico e consegue para mim os medicamentos”. Há sete anos batizada na Igreja Evangélica, Elsa assinala como sendo esse um dos motivos de suas alegrias cotidianas. “Eu gosto de rir, de brincar, de conversar com as pessoas. Fico feliz quando meus filhos aparecem, quando vem alguma pessoa de visita, ou quando vou na Igreja”. O futuro para Elsa encerra alguns sonhos pelos quais luta no seu dia-a-dia. “Gostaria de recobrar a saúde, especialmente a visão que estou perdendo, e gostaria de ver meus filhos mais unidos”, disse.

RECOLHENDO O SEMEADO

Depoimento de uma estrangeira

Sílvia Maria Icaza, 69, é nicaragüense e mora no Brasil há 4 anos com seu filho. Mãe de 4 filhos, entre eles a professora da Unisinos Ana Mercedes Sarria Icaza, integrante do Setor Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade, do IHU, Sílvia perdeu um dos seus filhos aos 20 anos, que morreu nos enfrentamentos armados na Nicarágua. Sílvia lembra esse momento como a sua maior dor. “Foram momentos de muita dor e depois de uma grande desilusão. Eu soube me repor e continuei a vida. É como se ele me tivesse dito: “Eu vou, mas te deixo acompanhada”, desde então muitos amigos me acompanharam, e os outros filhos me dão uma atenção toda especial”. Sílvia considera a terceira idade como uma das mais tranqüilas. “Não temos responsabilidades. Emocionalmente, eu estou recolhendo o semeado: tenho filhos profissionais, tenho quatro netos e um a caminho e tenho um grande sonho que é escrever a história de minha vida. Tento estar sempre ativa, bonita, alegre. Às vezes vejo as mulheres de meu país, de minha idade que entram em um certo isolamento, mas eu não quero isso”. Apesar de Sílvia sentir as marcas do tempo no seu corpo, como a necessidade de medicamentos, a falta de audição e uma lentidão maior que anos atrás, considera que as pessoas idosas têm um aporte grande para dar à sociedade. “Isso só é possível participando. Eu gosto muito de política, por exemplo, e me interessei muito por isso durante o período eleitoral. Acho que, dentro de suas limitações, as pessoas idosas devem ter uma vida social e política ativa.

Hoje à tarde, por exemplo, passei muitas horas buscando sapatos. As lojas só têm sapatos para jovens. Se somos uma parcela importante da sociedade, por que não ir a um órgão competente e expor essa necessidade, por exemplo?”.

“DESCOBRI QUE A FÉ VALE MUITO NA VIDA”

Depoimento de um ex-funcionário da Unisinos.

Tarcillo Lawisch, 71, é graduado em Filosofia e Letras Clássicas. Ele mora em Dois Irmãos e até 2001 foi Chefe de Gabinete da Reitoria. O professor avalia como muito positivo este primeiro ano como aposentado. Embora ele não realize um trabalho remunerado, não lhe faltam atividades voluntárias às quais dedica grande parte de seu tempo. “Minha esposa e eu fazemos parte do Movimento Serra da Igreja Católica, que trabalha com as vocações. Ajudamos, também, na Pastoral Vocacional da Paróquia e no Seminário. Eu, inclusive, dei aulas de Português para os seminaristas”. Além do trabalho, Tarcillo cuida de seu próprio bem-estar. “Faço uma boa caminhada, cuido da horta, viajo, cuido da casa da praia, uma casa grande onde toda a família (seis filhos e oito netos) se encontra, além de pescar”. O professor considera que se aposentou em um momento oportuno. “O Reitor e eu chegamos a esse consenso para eu poder aproveitar a vida com saúde. Eu considero a terceira idade como uma fase positiva. Tem suas limitações, mas tem uma grande experiência que se traz da vida. Na terceira idade, se tem mais tempo para os outros. Tanto para o casal, quanto para filhos e netos e outras pessoas que necessitam”. O professor tem sonhos que ainda gostaria de realizar, especialmente viagens, como ir a Fernando de Noronha, a Portugal, Espanha e voltar a ver seus amigos na Alemanha. Tarcillo procura descobrir todo o positivo que a vida lhe traz, o que lhe dá uma grande segurança. “Depois do que eu enfrentei na vida, vi a morte bem de perto duas vezes; e as duas me preparei para morrer e me entreguei nas mãos de Deus. A primeira, durante um assalto, quando minha primeira esposa foi morta, a segunda foi um enfarte. Não tenho medos, descobri que a fé vale muito na vida”.

EU NÃO RESPEITO A MINHA IDADE

Depoimento de um participante do Nutti

Lauri Fontoura Brum, 73, mora em São Leopoldo, é casado há 54 anos e tem uma filha e uma neta. Lauri integra o Núcleo Temático da Terceira Idade, o Nutti desde seus inícios, há 10 anos. Aposentado depois de longos anos de trabalho na empresa Amadeo Rossi, Lauri leva uma vida ativa. “Levanto às 6h, faço o café. Na parte da manhã, saio pelas ruas e ajudo a cobrar o dízimo da Igreja São José; de tarde, trabalho nas coisas da casa; de noite; toco meus instrumentos, atualmente estou tocando teclado. Vamos tentar começar um conjunto”, salienta. O aposentado afirma que a idade está lhe ensinando muito, especialmente sua participação no Nutti, na Unisinos. “O Nutti nos ensina a viver. Eu não respeito minha idade: faço ginástica, danço, toco, faço culinária e tantas outras coisas”. Lauri confessa que não acredita nos políticos, especialmente após receber uma aposentadoria insuficiente, tanto para ele como para tantos de seus pares. “Os governantes nos tiraram a

aposentadoria. Depois dos anos 80, o Brasil parou. A partir de Collor, todos fazem a mesma coisa”, enfatiza. Lauri define-se como um homem feliz e extremamente religioso. “Eu acredito em Deus e tenho uma vida alegre. Meu lema é cair, mas sempre levantar”.

O PERFIL DO IDOSO

Por Olga Collinet Heredia

Olga Collinet Heredia é demógrafa, professora-pesquisadora do Centro de Ciências Humanas e integrante do Setor Ética, Cultura e Cidadania do IHU.

“Há um ano, a Organização das Nações Unidas (ONU), em relatório da Divisão de População, constata que existem 629 milhões de pessoas com mais de sessenta (60) anos no mundo. Em 2050, serão 2 bilhões de idosos, o que corresponderá a 21% da população mundial. Este processo não tem precedentes na história da humanidade, com importantes conseqüências e implicações em todos os aspectos da vida humana.

O envelhecimento em nível mundial se deve a uma grande melhoria na longevidade, unida à queda da natalidade, especificamente, à taxa de fecundidade (número de filhos por mulher em idade reprodutiva). Esta situação nos países subdesenvolvidos ou emergentes faz com que o ritmo de envelhecimento seja mais veloz do que na população dos países desenvolvidos ou ricos. Com isso, os países em desenvolvimento terão um tempo mais curto para se ajustar às conseqüências do envelhecimento populacional. O problema é esse envelhecimento ser detectado em níveis socioeconômicos mais baixos do que nas nações desenvolvidas.

No aspecto econômico, esse processo afetaria o crescimento, os investimentos e o consumo, as pensões e os impostos.

Na área social, se fará sentir, na saúde, na composição familiar, na habitação e na migração.

No aspecto político, poderá influir no sistema de voto e de representação.

No Brasil, o envelhecimento populacional apresenta cifras inquietantes. Em 1991, os idosos eram 7,3% da população, nove anos mais tarde, em 2000, representavam 8,6% do universo populacional brasileiro

Os idosos chefes de família passaram de 60,4% para 62,4%. Destes, 54,5% sustentam os filhos em casa.

A população brasileira vive em média 68,5 anos, 2,5 anos a mais do que no início da década, sendo que as mulheres vivem 72,6 anos. A taxa de fecundidade caiu pela metade em 20 anos, passando de 4,4 filhos por mulher em 1980 para 2,3 atualmente.

Há duas décadas, havia 16 idosos para 100 crianças (até 14 anos), dez anos após, eram 21 para 100 e hoje são 29 idosos para 100 crianças. Também ampliou o grupo de centenários, que eram 13,8 mil em 1991 e, em 2000, 24,5 mil.

No caso do Rio Grande do Sul, a população de sessenta (60) anos e mais representou, no último censo, 10,5% da população do Estado, com uma expectativa de vida de 71,6 anos. Desse percentual, 74,3% são mulheres, outra característica do envelhecimento: as representantes do sexo feminino são mais longevas que os representantes do sexo

masculino. Cifras como essas dão idéia da grande responsabilidade do Poder Público e da própria sociedade brasileira para com as pessoas de sessenta (60) anos e mais. É necessário conscientizar-se de que idade avançada não dispensa lazer, convívio humano, moradias adequadas e assistência social e de saúde.

Neste século, nossa sociedade contará com elevado número de pessoas idosas, e é importante que vejamos nelas mais que um fenômeno estatístico, fornecedores de experiência e sabedoria. É importante fazer que mantenham sua auto-estima e dignidade, observando que são fonte de direitos cidadãos e força social e política.

Frente a este quadro, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em uma ação louvável, centrou, nas pessoas idosas, a Campanha da Fraternidade de 2003, tendo como lema "Vida, dignidade e esperança".

Análise de Conjuntura

A autonomia do Banco Central é o tema da análise de conjuntura desta semana. Reproduzimos o artigo de João Sicsú, professor-doutor do Instituto de Economia da UFRJ e co-organizador e autor do livro *Macroeconomia do emprego e da renda*, Editora Manole, 2003. O artigo foi publicado no jornal *Valor Econômico*, em 26 de fevereiro de 2003. Para o autor, "a proposta de autonomia do BC consolidará diretrizes de política monetária do governo FHC".

AUTONOMIA PARA O BC ?

Autonomia operacional para o Banco Central (BC) significa que este organismo terá liberdade para conduzir a política monetária (determinar a taxa de juros) com o objetivo de alcançar uma meta de inflação determinada pelo Conselho Monetário Nacional. Segundo os defensores da autonomia, existem somente duas formas de organizar a relação do BC com o governo e de dirigir a sua atuação. A segunda forma seria tornar o BC independente. Isto significaria que o BC teria liberdade para determinar o seu objetivo e a política monetária. Neste caso, o governo eleito com milhões de votos não teria nenhuma influência sobre uma das mais importantes instituições públicas, o Banco Central. A terceira possibilidade seria tornar o BC totalmente subordinado à política de gastos do governo. Sendo assim, o BC emitiria moeda sem limites para financiar déficits públicos, causando inflação.

No caso da independência, diriam autonomistas, o BC não estaria submetido ao objetivo determinado por aqueles que foram eleitos. No caso da subordinação (ou dependência), o BC não estaria obrigatoriamente comprometido com o objetivo da estabilidade monetária. Portanto, são contrários a qualquer tipo de dependência ou subordinação, mas são ardorosos defensores da única possibilidade restante: a autonomia operacional do BC!

Há, contudo, duas verdades para serem ditas. Primeira, as propostas de independência e subordinação são meros "bodes". Não há nenhum economista

sensato que defenda tais idéias. Segunda, existe uma alternativa à autonomia operacional. Seria um BC que agiria de forma totalmente coordenada com o governo central e que teria o objetivo de auxiliar o Executivo a manter a estabilidade monetária e a buscar o pleno emprego.

Um BC de ação coordenada não poderia emitir moeda que causasse elevação dos preços e teria que determinar a taxa de juros levando em conta benefícios e custos sobre a inflação e o desemprego de acordo com critérios estabelecidos pelo governo.

Diferentemente, um BC autônomo teria liberdade para tomar decisões que poderiam ser até contrárias aos interesses governamentais de mudança. Contudo, nenhuma política, e muito menos a política monetária, deveria ser desenhada de forma isolada (autônoma !!!), todas devem fazer parte de um plano global para atingir os objetivos do governo federal.

A questão relevante a ser tratada é que no bojo da discussão sobre a autonomia está se definindo que o BC terá um único objetivo: manter a inflação abaixo de um teto pré-estabelecido. Em verdade, autonomia para a tomada de decisão sobre questões que são essencialmente técnicas qualquer órgão público ou Ministério deve, em princípio, possuir. Há alguém de bom senso que avalie que o Ministério da Saúde, ou o de Minas e Energia, deve tomar decisões sob pressões políticas malignas? Obviamente, não! Mas há alguém propondo autonomia para os Ministérios? Ou para o BNDES? Não! Percebesse, portanto, que a discussão verdadeira que está embutida na proposta de autonomia é sobre que papel deve desempenhar o BC: qual deve ser o seu objetivo?

Efetivamente, não é relevante se o presidente do BC deve ter mandato fixo. Não é relevante saber se o Presidente da República pode alterar a maioria da diretoria durante o seu mandato. O relevante, de fato, é se o BC deve buscar exclusivamente alcançar uma meta quantitativa de inflação ou se deve também tomar decisões balizadas pela necessidade de reduzir a taxa de desemprego. O que se pretende definir na proposta de autonomia é que as variações da taxa de juros devem ser balizadas somente pelo objetivo de conter a inflação sem levar em conta qualquer outra variável.

É preciso deixar claro que a taxa de juros, além de ser possivelmente capaz de reduzir a inflação, também afeta a vida dos cidadãos em outros aspectos cruciais. Quando a taxa de juros sobe, pode reduzir as possibilidades de lucros empresariais e causar a demissão de muitos trabalhadores. Quando é reduzida, pode provocar o efeito contrário. Pode, então, melhorar a vida de muitos, vislumbrando-lhes a possibilidade de encontrar um posto de trabalho ou de abrir um negócio com maior probabilidade de sucesso. Sendo assim, o BC deve ter dois objetivos explícitos: o controle da inflação e a busca do pleno emprego. Perguntem a qualquer defensor da proposta autonomista, a começar pelo ministro da Fazenda Antonio Palocci, se aceitam a mais plena autonomia para o BC com este órgão tendo que perseguir dois objetivos: manter a inflação sob controle e conquistar o pleno emprego. Certamente, não aceitarão!

Uma segunda questão importante está escondida na proposta autonomista é a afirmação de que a taxa de juros é o único e eficaz instrumento de combate a inflação. A experiência recente mostra que a taxa de juros deveria ser utilizada com muita cautela: o resultado de uma elevação da taxa de juros é incerto sobre a trajetória dos preços. Se isto não fosse tão verdadeiro, deveríamos considerar o

ex-presidente do BC e a maioria da atual diretoria como incompetentes, já que não alcançaram as metas de inflação estabelecidas nos últimos dois anos apesar de terem utilizado com total liberdade a taxa de juros para este fim. Como todos vimos, mantiveram as taxas de juros nas alturas, mas a inflação manteve a sua trajetória ascendente. Entretanto, o resultado de variações da taxa de juros sobre a vida de cada trabalhador ou empresário é quase certo. Foi este efeito, que pode ser nefasto, que em grande medida ajudou Lula a se eleger presidente durante a gestão de Armínio Fraga à frente do BC. Nos últimos dois anos, as altas taxas de juros e a vulnerabilidade externa enfraqueceram a economia brasileira — gerando falências e demissões — e chamaram o voto para o candidato à presidência da oposição.

Nos últimos dois anos tivemos taxas de juros elevadas e metas de inflação estouradas. Em 2001, a meta era 6%, mas a inflação efetiva foi de 7,7%. Em 2002, o erro foi maior, a meta era 5,5%, mas a inflação foi de 12,5%. Essa foi a herança que FHC deixou para Lula, além de uma economia semi-estagnada. A proposta de auto-economia do BC apenas consolidará as diretrizes de política monetária do governo de FHC.

Acontece

ÉTICA, RELIGIÃO E SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

Inicia na próxima sexta-feira, dia 14 de março, e estende-se até domingo, dia 16, o primeiro módulo do *Ciclo de Estudos Ética, Religião e Sociedade Sustentável*. O evento é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com o Centro de Espiritualidade Cristo Rei (Cecrei).

O primeiro módulo tem como tema central *As Grandes Rupturas da Crise Civilizacional Contemporânea*, abordando aspectos, como a crise ecológica no início do século XXI, o atual paradigma civilizacional, o questionamento do conceito de desenvolvimento sustentável como possível resposta à crise ecológica e a construção de um novo paradigma de uma sociedade sustentável.

O ministrante do módulo I é o prof. Dr. Prof. Inácio Neutzling, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

O evento acontece no Centro de Espiritualidade Cristo Rei, São Leopoldo, RS. As inscrições ainda podem ser feitas pessoalmente no Cecrei, ou via fax, enviando a ficha de inscrição para o número (51) 592.5107. O investimento é de R\$ 20,00 por módulo ou R\$ 100,00 para todos os seis módulos.

O segundo módulo se realiza de 25 a 27 de abril, tendo como tema central *Desafios para a Construção de uma Sociedade Sustentável* com a participação de vários especialistas e militantes do movimento ambiental. O ciclo tem mais quatro módulos, que acontecem no decorrer de 2003, encerrando-se o ciclo de estudos em setembro. Os temas a serem abordados são *Bíblia e Sociedade Sustentável*; *a Reinvenção da Teologia da Criação*; *Desafios da Ética Ecológica e Cristianismo e Sociedade Sustentável*.

CESCOOP XXVI

Encerrou no último sábado, dia 8 de março, a 26ª edição do Curso de Especialização em Cooperativismo da Unisinos, o Cescoop XXVI. Os 22 alunos que participaram do curso apresentaram, na ocasião, os seminários finais. A coordenação foi da profa. MS Vera Regina Schmitz e do Prof. Dr. Pe. Odelso Schneider. O curso iniciou em 19 de outubro de 2001.

**ESPIRITUALIDADE E O NOVO PARADIGMA DE GÊNERO**

Do livro Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças. MURARO, Rose Marie e BOFF, Leonardo, citado como Livro da Semana nesta edição, logo a seguir. Publicamos o excerto abaixo do livro, páginas 284-286

A importância da espiritualidade para o novo paradigma de gênero

A problemática de gênero é onerada por um peso negativo de milhares de anos. Os processos de mudança que atinjam a estrutura desta situação, pela sua natureza, são lentos. Apesar de todos os avanços, vítimas continuam a ser feitas - e gritam. O sofrimento não se estanca e reabre chagas ancestrais. Os motivos da rebeldia, da resistência e da libertação continuam atuais como nunca. As transformações são sempre insuficientes.”

Em face da perpetuidade desse quadro, precisamos mais que paciência histórica. Faz-se necessário bebermos de uma fonte de sentido e de esperança que ultrapasse as nossas próprias biografias. É condão da espiritualidade ser a geradora dessa esperança maior.

Por espiritualidade, entendemos aquele momento da consciência em que esta sente-se ligada e religada a um todo maior, em que percebe um sentido derradeiro do universo e vive a existência no mundo com os outros como valor, como construção coletiva do justo e do honesto, como co-responsabilidade pelo futuro pessoal e de toda comunidade de vida, como amor que se lança para além dos limites deste mundo. Pela espiritualidade, se capta Deus como presença inefável que se revela e vela em todos os processos e que fala na profundidade humana sob a forma de entusiasmo, de capacidade de amor, de perdão, de compaixão e de veneração ante o mistério do universo. A espiritualidade não é exclusiva das religiões; antes, todas as religiões pressupõem uma experiência espiritual fundante que elas tentam traduzir por mil códigos, sem jamais esgotar a sua riqueza infinita. Essa espiritualidade pertence ao processo de personalização de cada um, confere centralidade à vida e fornece as bases para a paz e a serenidade necessárias para a vida pessoal e social. Essa espiritualidade impede que a amargura tenha a última palavra e que o espírito de vingança, diante de tantas estações de padecimentos, produza novas vítimas.

A espiritualidade propicia o perdão e a integração das sombras do passado cruel. Este não deixa de ser cruel, mas a sua força negativa pode ser limitada e a sua

memória perigosa será mantida viva para impedir que esse passado sinistro jamais volte a se repetir. A consciência de que, apesar de toda a paixão, o ser humano, homem e mulher, já foi divinizado e já se encontra no coração mesmo do Mistério, faz com que exorcizemos todo medo da morte. Ele deixa de ser o superego castrador do sentido e das relações fraternas e sororais entre os humanos. Sem a visão espiritual, o medo da morte produz, sabidamente, violência, acumulação de poder e de meios de vida, ânsia de consumo e auto-afirmação desproporcionada.

Superado o medo pelo amor e pela transfiguração de nos sabermos mergulhados no mistério de Deus, podemos viver a vida com serenidade e peregrinar para o fim com a jovialidade de quem retorna à casa e vai beber na fonte de água fresca. A espiritualidade nos faz entender a morte como parte da vida, como o seu momento alquímico de transmutação - já que tudo no universo está em transformação -, estendendo-se para outras condições, para além do espaço e do tempo em que a vida pode continuar a vicejar e a se desenvolver rumo à sua plenitude no Mistério. Essa espiritualidade está no âmbito das possibilidades humanas. O seu alcance antropológico e o seu potencial humanizador não foram suficientemente explorados e incorporados à cultura. A espiritualidade ficou restrita às religiões e aos caminhos espirituais, ou entregue às subjetividades individuais. Mas não se restringe a essas instâncias, pois o seu lugar de realização e irradiação é o próprio universo, entendido como o conjunto das relações de todos os seres entre si e com a sua Fonte originária, ganhando uma densidade consciente na existência humana, quando tomada na sua última radicalidade. Temos virão - e estamos entrando neles - em que a espiritualidade ganhará o seu direito de cidadania ao lado da estrutura do desejo, da libido, do cuidado, da consciência da dignidade humana, da sacralidade de toda vida e da subjetividade da Terra.

Então iremos brilhar e irradiar. O homem será mais feminino, a mulher mais masculina e, juntos, mais humanos e mais cósmicos, cada um, na sua diferença, aparecendo como parábola do Mistério e lugar de realização e de revelação de Deus dentro da nossa história.

A guerra dos sexos pertencerá ao passado. Uma outra história poderá começar”.

Fórum Social Mundial

“A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL ESTÁ RECUANDO”

Entrevista com Ignácio Ramonet

Ignácio Ramonet é jornalista espanhol, especialista em geopolítica e estratégia internacional, doutor em Semiologia e em História da Cultura, pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, diretor, em Paris, do jornal mensal *Le Monde Diplomatique* e da revista trimestral *Manière de voir* e professor de Teoria da Comunicação audiovisual na Universidade Denis-Diderot (Paris VII). Ramonet concedeu entrevista a *IHU On-Line* e outros veículos de comunicação após sua Conferência sobre Mídia e Globalização, no dia 26 de janeiro, no III

Fórum Social Mundial, que aconteceu em Porto Alegre, de 23 a 28 de janeiro de 2003.

Qual a sua avaliação do III FSM?

Ignácio Ramonet- O Fórum Social Mundial é a primeira assembléia da humanidade. É a primeira vez que a humanidade se reúne em algum lugar. Os Estados e Nações estão reunidos na ONU, mas aqui se realiza uma utopia. O Fórum é a sociedade das sociedades. E disso, até os de Davos se deram conta. Os sem-voz começam a ter voz. A idéia do Fórum surgiu, porque fomos constatando que o fenômeno da globalização se produzia sem que soubéssemos exatamente o que era. Nos anos 90, ainda nem sabíamos como se chamava esse fenômeno. Dedicamos anos para identificar a globalização: o que é, como funciona, quem a dirige. Desde a queda do muro de Berlim até 1996-97, tentávamos identificar o fenômeno. Antes protestávamos contra os governos, depois entendemos que acima deles havia alguém mais importante que lhes ditava a conduta: o FMI, o Banco Mundial, a OMC, etc. Por outro lado, as dinâmicas de protesto contra a cúpula da OMC, que havia no mundo, se expressaram em Seattle, repetindo-se, a partir daí, os protestos. Nós pensamos que isso não poderia seguir assim, porque os enfrentamentos eram cada vez mais violentos. Havia que criar algum lugar, um Fórum onde pudessem reunir-se todas as associações, sindicatos, ONGs, etc., onde pudessem trazer testemunhos sobre como são afetados pela globalização e fazer propostas de soluções para esta situação. Aí pensamos fazê-lo aqui em Porto Alegre. Essa não foi uma idéia brasileira. Nós a sugerimos, por ser uma cidade muito original, por ser governada por um partido também muito original e pelo orçamento participativo. E assim se criou o Fórum.

Qual a novidade desta terceira edição do Fórum?

Ignácio Ramonet- Eu acho que este ano já passamos para outra fase. Até agora era um Fórum de proposições. As idéias, esperanças e propostas se traduziram eleitoralmente e aconteceram duas vitórias das idéias do Fórum: a de Lula e a de Lúcio Gutiérrez. Esta é uma fase de gestão. Em muito pouco tempo, as idéias do Fórum estarão no poder e terão a responsabilidade de ser aplicadas. Isso demonstra que a vontade de mudar, a energia, é indescritível, sobretudo neste continente que, indiscutivelmente, é o mais avançado na crítica à globalização liberal. Têm-se produzido aqui quatro fenômenos que mostram o que acabo de afirmar: 1) A revolução cubana não se afundou, o povo não se sublevoou, não houve aplastamento militar. 2) A Chávez não o puderam derrocar. Ele representa hoje, mais do que ontem, as idéias do movimento social e popular. 3) e 4) As vitórias de Lula e de Lúcio Gutiérrez. A vitória de Lula faz dele um líder para toda a América Latina. Dá rosto, nome e voz a toda a América Latina. O Continente o estava esperando.

Está de acordo com que o Fórum seja na Índia?

Ignácio Ramonet- Não, em absoluto. Acho que é uma derrota para o Fórum. É uma maneira de derrocar um capital construído com tanto custo. O Fórum de Davos aconteceu durante 25 anos em Davos, e, quando mudou, no ano passado, para Nova York, foi um fracasso. Quiçá não seja definitivo, porque os indianos aqui presentes não fizeram “aquela festa”, quando receberam um presente, que não pediram. Porto Alegre é mais que uma cidade, é uma idéia. A mais bela idéia que surgiu nos últimos tempos.

Acha que o Fórum e as idéias do Fórum têm alguma incidência em Davos e no rumo da globalização?

Ignácio Ramonet- No primeiro FSM, a globalização estava numa fase arrogante. Ela olhou este projeto como uma festa caótica de gente um pouco entre hippie e retardada. A consequência foi que se derrubou a Argentina, que era a vitrine, o modelo de globalização. O que foi a queda do muro de Berlim para o socialismo autoritário, foi a queda da Argentina para a globalização liberal. O que observamos hoje é que a globalização neoliberal é muito menos arrogante. Agora não está dizendo que tem soluções. De que se falou em Davos este ano? Essencialmente da guerra vista como algo negativo e também de que o mundo é demasiado desigual. Davos é um mundo de 500 milhões de pessoas, o FSM é um mundo de 5.500 milhões. E elas sabem que estes que não tinham voz fizeram do Fórum um poderoso instrumento de reivindicação. A globalização está recuando.

Está recuando ou adquirindo novas estratégias?

Ignácio Ramonet- Justamente porque recua, procura outros braços. A globalização liberal, até agora, avançava só nas frentes ideológicas e econômica. Tentava mostrar que as soluções econômicas que propunha, se impunham por si. Os representantes do neoliberalismo diziam: “É uma ciência”, mas se deram conta de que não é uma ciência e que está enfrentando graves problemas. Por isso, para impô-lo agora, abriram uma terceira frente: a militar. A globalização tem um braço armado que não tinha antes: as forças armadas dos Estados Unidos. A expansão do livre comércio forma parte estratégica de seus objetivos militares. Agora sim, eles querem se impor, se encontram resistências, o terrorismo internacional lhes fornece argumento para que isso possa acontecer.

Como o Sr. vê o Mercosul?

Ignácio Ramonet- Lula tem feito uma série de propostas muito audaciosas e acertadas (exceto o grupo de amigos da Venezuela). Ele propôs criar um parlamento do Mercosul e criar uma moeda comum. Não há dúvidas de que essa idéia passa de uma zona de livre comércio- puro instrumento neoliberal- para uma organização que tem mais coesão política, que daria maior força a políticas sociais e culturais.

O Sr. é contra o grupo de amigos de Venezuela?

Ignácio Ramonet- Para mim, o grupo é de inimigos da Venezuela, com exceção do Brasil e quiçá do Chile. Os Estados Unidos reconheceram Carmona, quando ele deu o golpe de Estado. A Espanha reconheceu explicitamente o novo governo, mandou seu embaixador visitar Carmona. Como podem ser amigos se ajudaram a dar o golpe? O presidente Chávez tem muita paciência. Não me parece que esse grupo seja qualificado para fazer avançar a coisa. Pessoalmente, estranho que a diplomacia brasileira tenha feito esse tipo de proposta. Também estranho que não tenham aceitado a proposição do presidente Chávez de ampliar esse grupo e introduzir países que estão mais afastados e talvez isso lhes dê mais serenidade: China, Rússia, Argélia.

Como vê os grupos de defesa dos Direitos Humanos em Cuba?

Ignácio Ramonet- Há uma hierarquia de valores humanos. Eu penso que a liberdade de pensamento é um direito fundamental e há que defendê-lo. Mas, acho que o direito à vida é superior. Sabemos que há um grupo de defesa dos Direitos Humanos em Cuba e não existe grupo de defesa dos Direitos Humanos na Guatemala ou no Haiti, onde todos os dias são mortos sindicalistas e operários. E por que não existem? Quem criou esses grupos? Então eu digo que sou favorável à liberdade de expressão, mas quando a situação esteja normalizada; um país pode garantir o conjunto dos Direitos Humanos, uma vez que não seja

assediado ou agredido. Na minha opinião, não é o mais urgente, porque um certo número de valores, em Cuba, é defendido.

Como vê a cobertura do III FSM feita pelos meios de comunicação em geral?

Ignacio Ramonet- A primeira coisa que fiz foi perguntar quantos jornalistas vieram a este Fórum. Há 4200. O evento que mais reúne jornalistas é o dos jogos olímpicos, que congrega 5 mil. Há mais jornalistas aqui que na copa do mundo da Coréia. O FSM seria os jogos olímpicos sociais da humanidade. Os veículos de comunicação presentes aqui nos mostram que os meios estão na batalha principal. Neste momento, por exemplo, a guerra de verdade que se aproxima é a do Iraque. Como sabemos? Sabemos, porque as câmaras já estão lá, e as câmaras nos anunciam que o espetáculo vai começar. A manipulação dos meios é que vai ajudar a criar o consenso ideológico para aceitar uma guerra que, no momento, não tem nenhuma razão de ser.

O Sr. vê alguma possibilidade de os Estados Unidos não declararem a guerra?

Ignácio Ramonet- Evidentemente o regime do Iraque é detestável, mas os EUA têm apoiado regimes muito mais detestáveis que o do Iraque. Alguns dos mais sanguinários e repugnantes tiranos continuam sendo apoiados pelos Estados Unidos, como o delirante Teodoro Obiang da Guiné Equatorial, que foi recebido com todas as honras pelo presidente George W. Bush na Casa Branca, em setembro de 2002. Para uma grande parte da opinião pública internacional, esta guerra tem como única meta o petróleo. Seu verdadeiro objetivo seria apoderar-se de uma das principais reservas de hidrocarbonetos do mundo. Esta estratégia apresenta-se como uma manifestação da nova arrogância imperial norte-americana, como uma espécie de “capricho do poder” cujas conseqüências geopolíticas (além dos milhares de vítimas humanas) poderiam ser desastrosas.

Destques da Semana

LIVRO DA SEMANA

MURARO, Rose Marie e BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro : Sextante, 2002, 287pp.

Os autores

Rose Marie Muraro nasceu quase cega, no Rio de Janeiro, por volta dos anos 30. Quando jovem, juntou-se a um dos grupos de Ação Católica Estudantil de Dom Helder Câmara, iniciando a sua estreita ligação com os movimentos sociais da Igreja Católica.

Em 1966, publicou seu primeiro livro *A mulher na construção do mundo futuro*. Formada em Física, Rose publicou, em 1968, *Automação e o futuro do homem*. Além desses livros, publicou muitos outros.

Leonardo Boff, 64 anos, é autor de mais de 60 livros, teólogo, é um dos mais importantes intelectuais brasileiros.

Publicamos a introdução e alguns excertos do livro citado acima, segundo as páginas, respectivamente citadas. O IHU On-Line celebra, desta maneira, o Dia Internacional da Mulher.

1.- Introdução – p. 9-14

O MASCULINO E O FEMININO NA NOVA CONSCIÊNCIA

Por que este título, se há séculos existe um número incrível de obras sobre o masculino e o feminino? Porque a humanidade está neste início de milênio num novo ponto de mutação cuja origem é a aceleração tecnológica e com ela a aceleração histórica. E esses pontos de mutação são raros nas espécies biológicas.

Na espécie humana, houve o primeiro ponto de mutação, quando os homínídeos se separaram dos primatas há mais de dois milhões de anos, o que deu início à Pré-História. O lento despertar da animalidade para a humanidade levou mais de um milhão e meio de anos.

As primeiras culturas são as de coleta e, nelas, o primata/humano toma a posição ereta e começa o seu desenvolvimento do córtex cerebral com as suas primeiras conquistas tecnológicas. Um segundo "ponto de mutação" ocorreu, aproximadamente, há quinhentos mil anos, quando o ser humano inventa o machado de pedra lascada e introduz as sociedades de caça, que criaram novas e diferentes estruturas psíquicas e coletivas. Um terceiro ponto há mais ou menos dez mil anos precipitou-se pela invenção dos métodos de fundir os metais e pela criação da agricultura, ocasionando o fim do estágio nômade e a formação das aldeias, dos estados e dos impérios no sentido antigo do termo. Outra vez a espécie muda de patamar, formas mais elevadas de relação com o meio ambiente e entre os seres humanos se instauram e uma nova consciência brota.

O salto seguinte se deu há menos de trezentos anos com a emergência da civilização urbano/industrial, que provoca uma enorme aceleração dos inventos científicos e tecnológicos, uma organização social mais complexa e a individualização da consciência. Em todas essas etapas emerge simultaneamente a espiritualidade, a capacidade de o ser humano entender-se no conjunto dos seres e decifrar o elo que o liga e religa ao universo e à Fonte originária de todo ser.

A nova consciência

Mas é só recentemente, no final do século XX e no início do século XXI, que podemos falar realmente da emergência de uma nova consciência. A aceleração histórica e a tecnológica se tornam incontroláveis e imprevisíveis. Mais de 90% de todas as grandes invenções da humanidade foram feitas nos últimos cem anos. Assim, a humanidade caminhou de uma lenta escalada para uma aceleração explosiva, principalmente depois da invenção das tecnologias eletrônicas, das quais a mais importante é a do computador, que dá início à Segunda Revolução Industrial.

Estamos vivendo, portanto, mais um "ponto de mutação" da nossa espécie, criador de uma nova consciência e das novas estruturas humanas. Só que este é, talvez, o mais profundo de todos, tão radical quanto aquele que nos transformou de animais em seres humanos: nos primórdios integrados à natureza, os seres humanos também estavam integrados entre si.

As relações entre os grupos eram de solidariedade e partilha de bens e de vida. Com as sociedades de caça se instauram as primeiras relações de violência: os mais fortes começam a dominar e a ter privilégios, e o masculino passa a ser o gênero predominante. Da consciência de solidariedade a humanidade passa à consciência da competição.

Mas é só quando se inicia o período histórico que a relação senhor/escravo se solidifica como rotina. Nessa hora, é matar ou morrer, ou invadir ou ser invadido; ou se expandir ou perecer. E até hoje assim se faz a história e com ela as relações de violência com o meio ambiente.

Isso se acelera muitíssimo na Segunda Revolução Industrial: o aquecimento do clima, o derretimento das calotas polares, a predação dos recursos naturais, o esgotamento das fontes de energia não-renovável, o desperdício da água, as inúmeras espécies em extinção, tudo gerado pela aceleração tecnológica dentro de uma consciência competitiva. Se essa tendência globalizada de violência e destruição não for revertida, é consenso entre os ecólogos que, após o ano 2050, a humanidade terá ultrapassado o ponto de não-retorno, o que tornará extremamente difícil reverter o processo de destruição.

Por isso estamos, como espécie, num novo limiar. Ou nós parimos como outra espécie humana, com outra consciência, ou pereceremos. Não há meio-termo. Nessa fase, se faz mais urgente que em outras uma espiritualidade que coloque no centro das suas preocupações a vida, na sua esplêndida diversidade, o futuro comum da Terra e da humanidade e, também, o cuidado para com tudo o que existe e vive. Deus emerge de dentro do processo cosmogênico como aquela energia misteriosa que, a partir do caos, tudo ordena, como aquele Espírito de ternura e de vigor que tudo faz convergir para formas cada vez mais complexas, conscientes e co-responsáveis.

Essa nova consciência precisa ter, no seu âmago, a noção de cuidado, de solidariedade, de compartilhamento de vida e dos bens da natureza, criando para isso novas estruturas socioeconômicas, políticas e espirituais.

Agora ela será uma verdadeira mutação humana, porque terá que ser não somente individual ou coletiva apenas, mas também planetária. Não só tecnológica, social e cultural, mas profundamente espiritual. A esse respeito, lembramos **2001, Uma Odisséia no Espaço**, de Stanley Kubrick. Na primeira cena do filme, um primata toca um monólito vindo do espaço e se transforma em ser humano. E, na última cena, um homem já velho e prestes a morrer repete o gesto e se transforma num feto cósmico. Essa intuição, talvez, seja a única que nos possa salvar.

O masculino e o feminino

Cada fase humana traz uma relação masculino/feminino específica. E, pelo que vimos, foi na maior fase, aquela que durou um milhão e meio de anos, que foram vividas as relações de harmonia e equilíbrio com a natureza e que ainda estão presentes - e para sempre - no nosso inconsciente. Diferentemente do que crê o pensamento patriarcal, a verdadeira adaptação da humanidade não foi pela violência e, sim, pela solidariedade. E a violência é bem recente na história evolutiva humana.

E tanto isto é verdade que o mais importante mito humano, que todas as religiões colocam ou no início ou depois da morte, é o Paraíso Perdido.

Naquela fase, homens e mulheres viviam integradamente. As relações eram igualitárias, e a mulher, considerada mais próxima dos deuses, porque dela dependia a reprodução da espécie. Os princípios feminino e masculino então - e por um milhão e meio de anos - governam o mundo juntos.

Nas sociedades de caça, iniciam-se as relações de força, e o masculino, que passa a ser o gênero predominante, vem a se tornar hegemônico no período histórico - há oito mil anos -, quando destina a si o domínio público e à mulher, o privado. A relação homem/mulher passa a ser de dominação e a violência, doravante, é a base das relações entre os grupos e entre a espécie e a natureza. Então é o princípio masculino que governa o mundo sozinho.

No fim do século XX, com a Segunda Revolução Industrial, a mulher entra para o domínio público, porque o sistema competitivo faz mais máquinas do que machos. No início do século XXI, as mulheres são praticamente 50% da força de trabalho mundial, ou seja, para cada homem que trabalha, uma mulher também trabalha.

Ora, isso, ao menos teoricamente, está fechando um ciclo da história: o ciclo patriarcal. Este abriu-se no período histórico junto com a sociedade escravista, quando as mulheres foram reduzidas à sua função procriadora.

Hoje, elas trazem para o sistema produtivo e para o Estado algo radicalmente novo. Foi apenas o homem que se tornou competitivo, porque se destinou ao domínio público. A mulher, no domínio privado, conservou os valores de solidariedade e partilha. Milenarmente, ela tem sido educada para o altruísmo e o cuidado, pois, se o bebê não tiver à sua disposição alguém completamente altruísta, ele não dura um dia sequer.

Atualmente, a mulher é quem traz os novos/arcaicos valores simbólicos de solidariedade da família para o sistema produtivo e para o Estado. Desta forma, a entrada da mulher no domínio público masculino é condição essencial para reverter o processo de destruição.

E isso já está tão claro na consciência coletiva que as Nações Unidas, por meio do Fundo das Nações Unidas para a População - FNUAP, assim começa o seu relatório oficial de 2001, o primeiro deste milênio: "A raça humana vem saqueando a Terra de forma insustentável e dar às mulheres maior poder de decisão sobre o seu futuro pode salvar o planeta da destruição."

Este livro é uma pequena colaboração neste sentido, já que o masculino e o feminino agora têm que se integrar em grande profundidade se quisermos sobreviver.

2.- Tarefas culturais em face de um novo paradigma de relações de gênero – p.273-277

“O grande desafio proposto à humanidade e a cada uma das pessoas é de ordem prática. Como passar das visões às ações - às ações fundadoras do novo - que deixem definitivamente para trás a história da dominação entre os gêneros e inaugure o alvorecer da cooperação e da solidariedade na diferença?

Aqui cabe o engajamento e a introdução das revoluções moleculares no sentido que Felix Guatarri lhes conferia, revoluções paradigmáticas que se iniciam nos sujeitos pessoais e em seguida se abrem às demais esferas da sociedade - lembremos o famoso *slogan* "o político é pessoal e o pessoal é político". Estes sujeitos não esperam o advento da grande aurora anunciando a viragem para todos. A viragem não ocorrerá se os atores pessoais, homens e mulheres concretos, não começarem, onde quer que se encontrem, a viver a partir do novo e a consolidar alternativas implementadas. Não se alcançam os dez mil passos desejados, sentenciava Mao-Tsé-Tung, se não se der o primeiro passo. Pelos primeiros passos e pelas revoluções moleculares, começa o acúmulo de energia, capaz de, no tempo oportuno, propiciar a irrefreável revolução. Sob estas condições, vale o adágio: "só se fazem as revoluções que se fazem".

Agora, à luz do exposto, como deveremos agir de forma concreta e imediata para levar à frente nossa proposta? Simplesmente levando em conta a seguinte enumeração.

1) A médio prazo, criando condições eficazes para a entrada total do homem no setor privado que, como vimos, ao dar cuidados maternos às crianças, pode reverter a relação dominante/dominado, origem de toda a violência do patriarcado.

2) Levando em conta algumas considerações das Nações Unidas contidas no relatório oficial para 2001 do FNUAP - Fundo das Nações Unidas para a População. Os trechos deste relatório reconhecem tudo aquilo que, intuitivamente, os movimentos de mulheres vêm insistentemente repetindo desde a década de 1970. Este reconhecimento agora é feito pelas mais altas instâncias das organizações mundiais e os trechos foram publicados pelo *jornal do Brasil* em 8 de novembro de 2001:

Estamos olhando o mundo de cima de um rochedo. É uma crise global de vastas proporções e que merece ser enfrentada com urgência.

Em 1960, a população mundial já estava em 1,6 bilhão de pessoas, a maioria em países pobres. Até 2050, serão 9,3 bilhões. O gasto com o consumo mais que dobrou desde 1970, com o aumento significativo nos países mais ricos. Ainda assim, metade do mundo sobrevive com menos de US\$ 2 ao dia.

Durante toda a sua vida, um recém-nascido de um país industrializado vai consumir e poluir mais do que entre trinta e cinquenta recém-nascidos de um país em desenvolvimento.

À medida que a população aumenta e a globalização prossegue, surgem perguntas cruciais: Como utilizar os recursos disponíveis de água e solo para produzir alimento para todos? Como promover o desenvolvimento econômico e pôr fim à pobreza de forma que todos tenham o que comer? Como enfrentar as conseqüências humanas e ambientais da industrialização e os temores do aquecimento global, da mudança climática e a perda da biodiversidade?

As mulheres representam mais da metade da força de trabalho agrícola mundial e sabem administrar os recursos domésticos de alimentos, água e energia.

Remover os obstáculos ao exercício do poder econômico e político das mulheres é também uma das formas de pôr fim à pobreza.

A igualdade de direitos entre os dois sexos, o direito à saúde reprodutiva, incluído o direito de determinar o tamanho da família, ajudará a diminuir o crescimento da população, reduzir o seu tamanho e reduzir a pressão sobre o meio ambiente.

A raça humana vem saqueando a Terra de forma insustentável; e dar às mulheres maior poder de decisão sobre o seu futuro pode salvar o planeta da destruição”.

ENTREVISTA DA SEMANA

*Reproduzimos a entrevista a Ralph Della Cava, da Universidade Columbia, biógrafo do padre Cícero em "Milagre em Juazeiro", publicada na **Folha de São Paulo**, em 16 de fevereiro de 2003.*

EUA X OPINIÃO PÚBLICA MUNDIAL

Depois de ter participado das grandes passeatas contra a guerra do Vietnã, o sr. não se sente meio sozinho, manifestando-se contra o ataque ao Iraque?

Engano seu. A primeira manifestações contra a guerra do Vietnã a que fui tinha menos de 200 pessoas. Em outubro, tivemos mais de meio milhão de manifestantes nos Estados Unidos. Houve manifestações em Nova York, San Francisco e Washington. Há manifestações em todas as grandes cidades do mundo, inclusive no Rio. Estou pronto para protestar contra essa guerra mesmo que minha mulher, Olga, e eu sejamos os únicos a gritar. Está em questão o direito do presidente dos Estados Unidos de decidir atacar um país onde há um governante de quem não gosta. Bush anunciou que poderá usar todos os meios contra o Iraque. Deixou subentendido o uso de armas bioquímicas e nucleares táticas.

Bush é doido?

Ele representa três grupos muito poderosos no presente momento americano. O primeiro é uma nova plutocracia armamentista, petrolífera, privilegiada. Ela produziu fracassos como a falência da Enron e será beneficiada pelo governo com um orçamento de defesa de US\$ 430 bilhões de dólares por ano. É quase o PIB brasileiro, dez vezes mais que o segundo orçamento militar do mundo, o chinês.

O segundo grupo é uma direita cristã, evangélica que crê numa guerra profética. A coisa seria assim: com a chegada do povo judeu à terra prometida (Israel), surgiria o Anticristo (Saddam ou a ONU, você escolhe). Com a ajuda de Deus, Satanás seria vencido. Finalmente, há na Casa Branca um ninho de ultrafalcões. São o vice-presidente Richard Cheney, o secretário de Defesa Donald Rumsfeld e sobretudo, seu subsecretário, Paulo Wolfwitz. Depois do 11 de setembro, numa reunião em Camp David, Wolfwitz defendeu que nada se dissesse contra o Afeganistão, porque era uma região complicada. Propunha invadir o Iraque, porque seria mais fácil. O que uma coisa tinha a ver com a outra? Nada.

O que o sr. acha que o governo brasileiro devia fazer diante de uma provável guerra? Ficar contra, irritando Bush?

Acho que Lula já se associou à posição franco-germânica, que é crítica da atitude americana. Acho que o Brasil, como todos os países, devem tomar suas posições consultando o patrimônio moral de suas histórias e de seus governos. As conseqüências imediatas, em muitos casos, são enganadoras

FILME DA SEMANA

*O Filme destaque desta semana é o nacional **Deus é Brasileiro**. O longa-metragem dirigido por Cacá Diegues é inspirado no conto de João Ubaldo Ribeiro **O Santo que Não Acreditava em Deus**. No elenco aparecem nomes de peso, como Antônio Fagundes, Paloma Duarte, Stepan Nercessian, Hugo Carvana e Castrinho. Reproduzimos um artigo de Luiz Vita sobre o filme, retirado do site da Cineweb: <http://www.cineweb.com.br>*

*Nome: Deus é Brasileiro
Realizado em: 2003
Gênero: Comédia
Duração: 110 min.
Direção: Cacá Diegues*

Deus é Brasileiro

Por Luiz Vita

O homem foi criado à semelhança de Deus, repetem os religiosos desde que o mundo é mundo. E Ele é a cara do Antônio Fagundes, acredita piamente o diretor Cacá Diegues, que escalou o Criador em pessoa para estrelar seu novo filme, *Deus é Brasileiro*, a segunda estréia nacional do ano. Personificado no corpo de um dos maiores galãs da TV, esse Deus tupiniquim fala pela boca do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, autor do conto *O Santo que Não Acreditava em Deus*, que inspirou o filme.

Como ninguém tem dúvidas sobre a nacionalidade do Todo-Poderoso, nada mais natural que Ele se apresente com o rosto bronzeado e carregue sempre consigo um guarda-chuva para protegê-lo do sol implacável, que Ele mesmo criou e que no Brasil é maravilhosamente incandescente.

Ao humanizar a figura divina, Cacá alerta que não pretendeu fazer um filme religioso ou teológico, mas tratar o personagem como um grande herói da cultura ocidental. Para quem acredita que o Deus brasileiro poderia ter um pouco do caráter do povo, algo como um Macunaíma superpoderoso, a visão de Cacá é oposta. Ele é mal-humorado, impaciente e até arrogante. O que não impede que o

contato com o povo brasileiro dome esse caráter inflexível e até melhore seu humor.

O Deus de Cacá bota o pé nas estradas empoeiradas do Nordeste à procura de um santo substituto para que possa finalmente tirar umas merecidas férias. Já existe um candidato, um homem de alma generosa, Quinca das Mulas (Bruce Gomlevsky) que trabalhou em garimpos, ajudou favelados e agora vive entre os índios. O primeiro a encontrar Deus é Taoca (Wagner Moura), um trambiqueiro sempre em apuros por conta de suas impagáveis dívidas com o agiota Baudelé (Stepan Nercessian). Ele só acredita que está diante do Todo-Poderoso depois de comprovar seus poderes, com uma revoada de peixes que pulam do mar sobre sua canoa.

Taoca se auto-escala para a missão divina que ganhará uma nova companhia, Madá (Paloma Duarte), que se junta ao grupo com a esperança de viajar para São Paulo. Para cruzar o Nordeste em busca de Quinca, ela oferece carona num caminhão roubado. Naturalmente Deus se desaponta, mas acaba concordando em começar seu périplo à margem da lei.

O caminhão é logo abandonado e o grupo reinicia a viagem de carona, a pé, arranjando dinheiro com algumas mágicas providenciadas pelo Criador. Ele não concorda em fazer milagres, mas admite alguns truques para obter recursos para financiar o prosseguimento da missão.

Ao cruzar Alagoas, Pernambuco e Tocantins, onde admira sem nenhuma modéstia a paisagem que criou, Deus também se depara com a miséria que surrupia a dignidade de seus filhos. A câmera de Cacá capta a realidade dos moradores da favela Brasília Teimosa, no Recife, as mães que vendem seus filhos acreditando que eles possam ter uma vida melhor longe daquele ambiente degradado.

Se em *Bye Bye Brasil*, Cacá mostrava o sertão que se transfigurava com a chegada das antenas de TV, com a perda de sua identidade cultural, em *Deus é Brasileiro* o diretor constata que o Brasil globalizado lançou ao desamparo uma legião de brasileiros. Não é mais a caravana Rolidei que está na estrada, mas um grupo de brancaleones que nada pode fazer para mudar a situação. Quanto ao santo brasileiro procurado, o final é mais surpreendente do que parece e só poderia ter saído da cabeça de João Ubaldo Ribeiro.

FRASES DA SEMANA

A herança da Era Cardoso

“A situação herdada do governo Fernando Henrique Cardoso é dramática. A submissão ao mercado financeiro, construída, tijolo por tijolo, com um desenho ilógico, foi total, e não pode ser revertida da noite para o dia” - Paulo Cunha, empresário, presidente do grupo Ultra em entrevista publicada na *Folha de S. Paulo*, 27-2-03.

“O IBGE divulgou, na semana passada, os números do crescimento do PIB (1,52%) e da renda per capita (0,21%) em 2002, permitindo que se calcule o desempenho da Era FFHH. O aumento médio do PIB foi de 2,37%. A renda per capita cresceu 0,9% ao ano” – Elio Gaspari, jornalista, na coluna publicada na *Folha de S. Paulo*, 2-3-03.

“Com esse resultado, um neto de FFHH precisará de 78 anos para dobrar sua renda per capita. Se o avô sonhasse com um país onde a renda de seu neto sextuplicasse, como aconteceu com a sua, ou teria feito outra política ou teria

estudado um meio de fazê-lo viver 200 anos. É o tempo necessário para sextuplicar a renda dos brasileiros a taxas médias tucanas” - – Elio Gaspari, jornalista, na coluna publicada na *Folha de S. Paulo*, 2-3-03.

“O monstruoso volume de investimento direto estrangeiro que ingressou no Brasil a partir de meados dos anos 90 teve como maior legado o agravamento do desequilíbrio externo do país. Essa foi uma das conclusões do Iedi (Instituto de Estudos para Desenvolvimento Industrial) em estudo sobre o investimento estrangeiro no Brasil e o de companhias brasileiras no exterior. Pelas contas do Iedi, em 2000 para cada US\$ 1 de investimento estrangeiro direto, as empresas com participação estrangeira instaladas no Brasil carregavam US\$ 2,49 em dívidas - sendo US\$ 1,03 de dívida externa e US\$ 1,46 de dívida interna” – *Folha de S. Paulo*, 2-3-03.

“O lucro alcançado por um dos maiores bancos privados do mundo valorizou em quase US\$ 100 mil ações do presidente do Banco Central do Brasil, Henrique Meirelles, no FleetBoston. Ele trabalhou na empresa até agosto do ano passado. O Fleet opera no Brasil por meio do BankBoston” – notícia publicada na *Folha de S. Paulo*, 2-3-03.

Saídas para a crise

“O Brasil não pode esperar mais quatro anos para reduzir os juros”. - **Luiz Gonzaga Belluzzo**, 60, professor titular de Economia da Unicamp, no artigo intitulado *A herança da abertura financeira*, *Folha de S. Paulo*, 2-3-03.

“O remédio é amargo e consiste em buscar rigorosamente o oposto do praticado, por muito tempo, pelo governo anterior. A saída, a partir de agora, é dólar alto e juros baixos. Exportar mais e produzir mais, em vez do binômio infeliz que aqui prevalece por tanto tempo de importar mais e produzir menos” - Paulo Cunha, empresário, presidente do grupo Ultra, em entrevista publicada na *Folha de S. Paulo*, 27-2-03.

Inflação, renda e desemprego

“A disparada da inflação nos últimos meses de 2002 corroeu os ganhos dos trabalhadores. Em dezembro, o rendimento médio real, já descontada a inflação, caiu 5,1% em relação a novembro, segundo o IBGE. É a terceira redução seguida nesse tipo de comparação, segundo os dados da nova PME (Pesquisa Mensal de Emprego)” – Editorial da *Folha de S. Paulo*, 27-2-03.

Os contratos segundo a AES

“Cumprir contratos ao pé da letra é coisa para país subdesenvolvido. Nós, executivos de Primeiro Mundo, até gostamos de respeitar contratos, mas quando podemos fazê-lo. Quando não podemos, vamos para o Judiciário, ganhar uns dez anos” – Márcio Moreira Alves, jornalista, na coluna “O caso Eletropaulo”, dizendo que ‘esse deve ter sido o raciocínio dos executivos da AES na negociação da dívida de US\$ 1,131 bilhão da Eletropaulo com o BNDES.’ – *O Globo*, 28-2-03.

Leis de Mercado não podem ditar comportamento!

“Acho que os movimentos da cidadania devem obter dos Estados normas de regulação da globalização econômica. É preciso restaurar o primado da política sobre a economia. As leis do mercado não podem modelar a sociedade, ditar nossos comportamentos” - Tzvetan Todorov, conhecido como divulgador do estruturalismo e teórico literário, em entrevista a *O Estado de São Paulo*, 23-2-03. Todorov é autor do importante livro *A Conquista da América. A questão do outro*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Guerra Preventiva?

“O direito internacional não conhece o conceito de uma nova ordem mundial que permitiria o recurso unilateral à força por parte de alguns Estados para garantir o respeito” – Jean-Louis Tauran, Arcebispo, responsável pela diplomacia pontifícia, explicitando a radical oposição do Vaticano à “guerra preventiva” dos EUA. – *Il Corriere della Sera*, 25-2-03.

“Nenhuma regra do direito internacional autoriza que um ou mais Estados recorram unilateralmente ao uso da força para mudar um regime ou uma forma de governo de um outro Estado, porque este poderia possuir armamentos de destruição de massa. Somente o Conselho de Segurança da ONU poderia – motivado por circunstâncias particulares – decidir que tais fatos constituem uma ameaça contra a paz. Mas isso não significa que o recurso da força seja, para o mesmo Conselho de Segurança, a única resposta adequada” - Jean-Louis Tauran, Arcebispo, responsável pela diplomacia pontifícia, explicitando a radical oposição do Vaticano à “guerra preventiva” dos EUA. – *Il Corriere della Sera*, 25-2-03.

Sociedade sustentável segundo Capra

"Para construir uma sociedade sustentável precisamos fazê-lo de forma a não interferir na já provada (ao longo de bilhões de anos) capacidade da natureza de sustentar a vida. Para isso, não precisamos sair do zero: Há modelos da natureza que devemos usar, pois os ecossistemas são sustentáveis, desenvolveram essa capacidade de sobreviver ao longo de bilhões de anos." - Fritjof Capra, renomado e influente físico, citado por Washington Novaes na coluna *Sem perder mais tempo*. – *Estado de São Paulo*, 28-2-03.

Capachismo cultural

“O projeto de implantação do Guggenheim-Rio – estética e urbanisticamente escandaloso – é filho consumado do oba-oba neoliberal que tomou conta do Brasil nos últimos anos. Antes do signo da ‘devoração crítica’ oswaldiana, do experimentalismo antropofágico, é símbolo de submissão mental. De capachismo cultural.” – Antonio Risério, poeta e antropólogo, autor de vários livros, em artigo publicado na *Carta Capital*, 5/3/03.

Os pobres e a educação pública

“Não é republicana a sociedade que investe praticamente 80 vezes mais na educação privada dos filhos das classes médias - R\$ 240 mil - do que na educação pública dos filhos dos pobres - R\$ 3.200. Os primeiros gastam R\$ 1.000 por mês

e ficam até vinte anos recebendo investimentos educacionais. Os outros recebem R\$ 800 por ano e ficam em média quatro anos na escola. Isso não é apenas desigualdade, é diferença; e com essa diferença o país não é uma República” - Cristovam Buarque, ministro da educação, no artigo ‘A revolução republicana’, publicado na **Folha de São Paulo** 9-3-03.



IHU IDÉIAS

Lembramos que o evento acontece nas quintas-feiras das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e suco de laranja.

HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES: DESAFIOS E IMPASSES

A primeira edição do *IHU Idéias* de 2003 teve como tema a questão de gênero celebrando o Dia Internacional da Mulher. Com o título *História da participação das mulheres: desafios e impasses*, as professoras Dra. Edla Eggert e MS Clair Ribeiro Ziebell trouxeram questões polêmicas no debate da última quinta-feira, dia 6 de março.



Ecos do evento

“O IHU Idéias proporciona este espaço de construção de conhecimento. No debate de hoje, foi possível perceber o quanto já se caminhou nesse sentido da participação das mulheres. É um processo, tem que ir um tanto devagar. A questão política dos espaços do homem e da mulher é uma discussão permanente”.

Magali Strauss, estagiária e aluna do curso de Serviço Social da Unisinos.

“É uma pena que nós, homens, não participamos mais dessa discussão. As mulheres estão muito à frente no que diz respeito ao que é ser gente nos dias de hoje. Trabalhando juntos, só podemos aprender. Na academia, não é mais possível trabalhar nenhum tema sem levar em conta a questão de gênero”.

Prof. Dr. Danilo Streck, professor e coordenador do PPG em Educação da Unisinos.

AS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO TEOLÓGICO

Entrevista com a prof^a Dr^a Edla Eggert

Antes da apresentação do evento IHU Idéias da última quinta-feira, dia 6 de março, a prof^a Edla conversou com IHU On-Line sobre a situação da mulher, especialmente fazendo algumas considerações, descobertas a partir da pesquisa da sua tese doutoral.

*A professora Edla Eggert é doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia, EST, de São Leopoldo, e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. É professora do Centro de Ciências Humanas da Unisinos e integrante do Grupo Temático Gênero, do IHU. A sua tese de doutorado intitula-se **Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcriada)**.*

IHU On-Line- Quais os principais desafios do universo feminino?

Edla Eggert- A mídia faz cada vez mais um estereótipo e uma coisificação do feminino. É difícil trabalhar, em diálogo, o feminino e o masculino. Eu vejo, por exemplo, na educação dos filhos. Eu tenho dois filhos, e o Carlos (um ano e cinco meses), gosta de brincar de boneca com sua irmã, o que desperta certas brincadeiras por parte de um vizinho. Os estereótipos do feminino e masculino reforçam a frivolidade na mulher e a luta, no sentido da violência, no homem. Essas concepções não podem se definir assim. Com muita coragem, na academia, cada vez mais e eu sou otimista, há homens que estão se pesquisando, mulheres que estão se pesquisando, homens pesquisando mulheres e vice-versa. Nós nos colocamos, tanto homens quanto mulheres, em lugares específicos, machistas e cada um espera o modelo marcado do outro. Achei fantástico o filme **Fale com ela**¹, como Almodóvar mostra outras possibilidades: homens que podem se abraçar e que demonstram ternura e cuidado com o Outro, por exemplo. Ele rompe com todos os estereótipos. Romper esteriótipos, romper pré-conceitos desde a mais tenra - ternura - idade.

IHU On-Line- De que maneira a pesquisa do doutorado te levou a conhecer mais o universo feminino?

Edla Eggert- A pergunta que acompanhou minha pesquisa ao longo da tese foi: “Como as mulheres vão elaborando seu discurso e sua educação teológica?” Eu quis fazer uma discussão da realidade rural com mulheres leigas que tivessem histórias para contar, a partir de experiências vividas nas comunidades luteranas da região do sul do Estado do RS. Área rural, com grande parte da população de origem pomerana e com uma experiência de trabalho comunitário através de uma organização não-governamental, Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa), gestada inicialmente pela IECLB. Trata-se de mulheres que só saem para o espaço público, por intermédio da Igreja. Eu busquei seis mulheres que participavam nos cursos de promotoras de saúde e alimentação alternativa. Elas foram me contando histórias que dizem respeito a certas crenças, simpatias, rituais que boa parte dos pastores não aceitava e não aceita por ter uma formação dogmática. Acompanhei a vida delas durante quatro anos, com visitas, entrevistas, recortes de suas vidas e me submergi na sua forma de fazer Teologia e de construir o conhecimento. Eu queria que essas mulheres não se tornassem “material de anexo”, e sim pudessem trazer seu cotidiano para dentro da academia. A medida que fui conhecendo essas mulheres elas foram me

¹ Sobre esse filme, cfr. IHU On-Line nº 42, de 11 de novembro de 2002, páginas 19-20 (versão impressa).

alcançando coisas “estranhamente familiares” que me fizeram repensar e recontar a minha história.

IHU On-Line- De que maneira acontecia essa construção de conhecimento teológico entre as mulheres do meio rural?

Edla Eggert- Eu coloquei no trabalho minha visão de cada uma dessas mulheres e depois suas próprias falas sobre Deus, a morte e a Igreja, a política eclesial. Elas produziram definições teológicas que nenhum teólogo conseguiria superar. A questão do conhecimento se dá na relação, e isso é democratizar a Teologia. Se a Igreja conseguisse pensar a Teologia como um processo de construção de conhecimento das pessoas em relação a sua fé e na sua relação com o outro, a Teologia realmente ocuparia mais espaços que os oficiais. Essa Teologia pode dialogar melhor com outras religiões. Deus não é uma estrutura dogmática, e essas mulheres fazem Teologia direto, realizando a busca por um conhecimento que cura pessoas, que cuida dos outros.

IHU On-Line- Quais as categorias comuns entre o universo feminino rural e acadêmico apontados na pesquisa?

Edla Eggert- A categoria de simultaneidade é característica na nossa construção de conhecimento. Questionada e recriminada pela academia, porque parece que, quando se realiza mais de uma atividade, não se realiza bem nenhuma, essa categoria é desenvolvida pela maioria das mulheres. Eu estava fazendo a pesquisa ao mesmo tempo que estava grávida, trabalhava, cuidava da casa, etc. Se os homens assumissem de fato as tarefas da casa, não somente “ajudassem”, aprenderiam que podem fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo. Ironicamente esse aspecto do conhecimento está sendo desenvolvido e enaltecido no universo masculino pela tecnologia; o computador, a internet, etc., que levam a essa simultaneidade. O interessante é que não fazemos o salto para relacionarmos essas experiências. A mídia na maior parte das comemorações do dia internacional da mulher faz alusão a capacidade das mulheres levarem para dentro das empresas a habilidade do fazer mais coisas ao mesmo tempo e trabalhar em equipe, mas não consegue ainda relacionar isso com o cotidiano e que essa experiência pode muito bem ser de todos os homens também desde muito meninos.

Há uma série de teóricas feministas que sempre criticaram o modelo estrutural patriarcal do qual emerge um racionalismo universal do tipo “os homens” e entendam-se as mulheres incluídas. Essas teólogas (cito aqui a Elizabeth Fiorenza, Rose Mari Ruther e Wanda Deifelt) fazem uma hermenêutica da suspeita onde contextualizam os pensamentos de filósofos que deixaram de fora a mulher, como Hegel e Kant, para não citar todos os gregos e os Santos. Nessa contextualização, elas demonstram que houve mulheres que permitiram que esses filósofos pudessem se dedicar e se constituir naquilo que foram.

Outra categoria é a da fragmentação. Ou seja: a parte mais angustiante da simultaneidade. As mulheres se definiram fragmentadas: terminavam os afazeres de casa e corriam para a reunião, continuavam pensando no que teriam que fazer depois. A sobrecarga, que não era dividida com os homens, a mulher assumia, porque aprendeu que ela devia fazer tudo isso. Há uma idealização muito forte, de que ela deve dar conta de tudo. A fragmentação é a simultaneidade mal resolvida. Uma terceira categoria comum às mulheres do meio rural e acadêmico é a categoria do “não saber”. Eu via que as mulheres, entre elas, tinham uma liderança muito boa, mas entrando o pastor, escondiam toda a coragem, porque “chegava o saber”. Vi que aquelas mulheres reproduziam uma estrutura que está pautada num discurso filosófico e teológico. Há também um modelo de pastor e

pastora (estas reproduzindo o modelo patriarcal) que excluem esse saber; embora existam agentes do sagrado que conseguem manter um diálogo e abrir espaços e na vida dessas mulheres percebi vários momentos em que pastores e pastoras possibilitaram belas passagens na construção do conhecimento delas. Elas se espantavam quando reliam as transcrições dizendo “nossa eu fiz tudo isso? Eu falei tanto assim mesmo?” A família leu seus textos e foi muito gratificante perceber o diálogo que esse material gerou em todas as casas dessas mulheres. O que sempre me marcou foi que ao final das conversas elas achavam que não tinham tanta importância, queriam saber se era isso mesmo que eu queria, algumas se desculpavam pelos erros de português. A surpresa era quando percebiam na leitura o processo de crescimento.

Colada a essa categoria apareceu muito forte um desejo de reconhecimento. Ser reconhecida pelo grupo, pelo pastor ou pastora, pela família. Essa fala fazia com que eu pensasse muito na própria construção da tese. Ou seja eu busquei nesse texto visibilizar um conhecimento que eu desejava e desejo sinceramente ser reconhecido. Não somente como material de pesquisa de fonte primária, mas reconhecido como parceiro no diálogo no processo de construção de conhecimentos que passam muitas vezes ao lado da universidade.

Por isso talvez eu continue pesquisando coisas na área da educação que parecem um pouco marginais – às margens da escola, dos discursos oficiais, da educação formal. Acabei por perceber o quanto estou profundamente marcada por temáticas que chamam para a realidade e ao mesmo tempo o quanto o ato de pesquisar é apaixonante por que autonomiza, recria o inusitado e me obriga a voltar para as margens. Tanto que depois que defendi a tese em outubro de 1998 voltei para lá por dois anos e fui fazendo alguns espaços de devolução através de assessorias ao CAPA.

Hoje quando vejo que estou novamente envolvida com outra ONG que é o CECA percebo o que disse anteriormente, ou seja parece que preciso de espaços onde o envolvimento com as classes populares acontece.

A TEORIA DA JUSTIÇA: JOHN RAWLS, O FILÓSOFO SOCIAL E POLÍTICO.

*Traduzimos o artigo de Marcello Ostinelli, publicado no jornal **Corriere del Ticino**, em 6 de fevereiro de 2003, por ocasião de um seminário realizado em Milão, em homenagem a John Rawls. O IHU Idéias do dia 13 de março terá como tema **A Teoria da Justiça: John Rawls, o filósofo social e político**, que será apresentado pelo Prof. Dr. José Nedel, professor do Centro de Ciências Humanas da Unisinos e autor do livro **A teoria ético-política de John Rawls**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. 203 p.*

Sobre John Rawls pode ser consultada a matéria de capa do IHU On-line nº 45, de 2 de dezembro de 2002. As notas de rodapé são do IHU On-Line.

O QUE RAWLS NOS ENSINOU

“John Rawls, o mais importante filósofo da política no século XX, morreu no dia 25 de novembro de 2002, aos 81 anos.

A idéia dominante de Rawls é que a ‘justiça é o primeiro requisito das instituições sociais, assim como a verdade o é dos sistemas de pensamento. Uma teoria tão simples e elegante deve ser abandonada ou modificada, se não é verdadeira. Ao mesmo tempo, leis e instituições, não importa quão eficientes e bem articuladas sejam, devem ser reformadas ou abolidas se são injustas”. É a

idéia enunciada na primeira página de *Uma teoria da justiça* ⁽²⁾. A obra apareceu em 1971. O autor trabalhou na sua elaboração durante quase vinte anos e a ela continuou a se dedicar durante o resto da sua vida, aperfeiçoando a sua imensa catedral até quase a sua morte.

A publicação da obra principal de Rawls modificou radicalmente a identidade da filosofia política. Poucos anos antes, Isaiah Berlin escrevia, sem errar, que “no século XX, não aparecera nenhuma obra política que tenha dominado a cena”. Mas aquele juízo não era mais verdadeiro depois da publicação da teoria de Rawls. *Uma teoria da justiça* deu à filosofia política contemporânea a *new departure*, - como escreveu alguém – isto é, deu um novo e promissor início. Afirmou-se um novo paradigma teórico que se tornou o quadro de referência comum no domínio da filosofia política contemporânea. O juízo de Robert Nozick⁽³⁾ segundo o qual “de agora em diante os filósofos políticos devem trabalhar no interior da teoria de Rawls ou esclarecer porque não o fazem” foi confirmado pelos últimos anos.

Rawls redefiniu, de modo exemplar, o objeto e o escopo da filosofia política, conseguindo combinar, num matrimônio feliz, o rigor analítico e o interesse normativo. Acima de tudo, a obra de Rawls era rigorosamente filosófica se se admite que a tarefa da filosofia consiste no exame acurado dos argumentos e deve chegar, por meio de uma reflexão sofisticada, à individuação do argumento melhor; que a filosofia assume a tarefa de, aberta às objeções e às críticas de qualquer pessoa, fornecer a um auditório universal (ou, pelo menos, não demasiado paroquial) as razões que justificam a própria solução.

Ao mesmo tempo, porém, o interesse normativo da teoria de Rawls, que se expressa no “primeiro requisito das instituições sociais”, pela justiça como valor independente e não negociável, o tornava uma voz relevante e crítica na esfera pública. A seu modo, Rawls perseguia o mesmo objetivo que tinha sido o sonho da filosofia americana na época do *new deal*, de Dewey, particularmente: fazer entrar na filosofia o discurso público.

Sobre o conteúdo normativo da teoria da justiça é importante assinalar dois elementos.

O primeiro diz respeito à propensão igualitária da teoria, no sentido que uma sociedade justa requer que as desigualdades entre os seus membros devem ser justificadas e não podem ser aceitas com um fato bruto. Tomar a sério o conteúdo normativo da teoria da justiça implica que os defensores de uma desigualdade entre os membros da sociedade devem apresentar as provas do seu argumento antes dos que requerem a igualdade distributiva. É este o sentido do segundo princípio de justiça ⁽⁴⁾ (o assim chamado princípio de diferença) segundo o qual a ordem social não deve determinar e garantir as perspectivas mais atraentes daqueles que estão melhor, a menos que isso não seja também em vantagem dos menos afortunados. Subsiste sempre um vínculo fundamental liberal na busca do maior benefício dos menos avantajados (o assim chamado *maximim*): este é constituído pelo valor prioritário da liberdade individual. Numa sociedade justa, cada pessoa tem um igual direito ao esquema de iguais liberdades fundamentais que sejam compatíveis com um esquema similar para todos. O princípio de

².- RAWLS, John, **Uma teoria da justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

³.- NOZICK, Robert, **Anarquia, Estado e Utopia**, Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

⁴.- Sobre os dois princípios da justiça, formulados por Rawls, cf. *IHU On-Line* nº 45, página 3

liberdade é prioritário em relação àquele de diferença, porque a liberdade pode ser limitada somente no interesse da liberdade.

O segundo aspecto da teoria de Rawls sobre o qual é oportuno refletir, diz respeito à solução adotada para resolver os problemas que o pluralismo põe à estabilidade política nas sociedades contemporâneas. Como é possível uma sociedade hospitaleira que garanta a pacífica e ordenada convivência de indivíduos e grupos que têm concepções diferentes de bem e estilos de vida diferentes, às vezes, radicalmente diferentes? A solução do problema consiste na afirmação da separação entre a prospectiva privada (do *bem*) de cada indivíduo e a prospectiva pública (do *justo*) da cidadania. Acedemos à prospectiva privada do bem quando enfrentamos as escolhas que dizem respeito às perguntas últimas da nossa vida (por exemplo, de caráter religioso ou filosófico); à prospectiva do justo devemos aceder, ao contrário, quando enfrentamos questões de interesse público (por exemplo, as questões bioéticas e as questões que dizem respeito à política educacional). Esta é a célebre tese de Rawls da separação do justo (*right*) e do bem (*good*) e da prioridade do primeiro sobre o segundo, como diz a fórmula que hoje é amplamente utilizada no âmbito da filosofia política. Em outras palavras, a política tem a tarefa de definir os princípios que são capazes de regular uma sociedade justa mas não o de promover os modelos de vida dos cidadãos. Isso implica que as instituições públicas satisfaçam o critério de neutralidade no que diz respeito às diversas concepções de bem, ou seja, que sejam imparciais com respeito a esse. Os princípios sobre os quais se fundam as instituições de uma sociedade justa devem ser justificados publicamente de maneira independente das doutrinas compreensivas do bem às quais os cidadãos aderem privadamente.

Rawls mostrará, além disso, sobretudo nos textos publicados em 1993, no livro *Liberalismo político*⁵), que esta concepção neutral da justiça é compatível com os valores das várias doutrinas compreensivas presentes na cultura de uma sociedade política democrática. Mais ainda, ela pode ser sustentada pelos cidadãos também em virtude das características das concepções de bem que essas abraçam. Este é o efeito virtuoso da cultura política democrática que teria modificado, ao menos em parte, as diversas concepções do bem, tornando-as todas mais razoáveis e liberais. É uma lição que pode servir a nós, hoje, se queremos tomar a sério as questões postas pelo multiculturalismo: garantir as condições de uma sociedade hospitaleira confrontada com as diferenças e capaz de assegurar a todos e todas a proteção dos direitos humanos fundamentais.”

IHU IDÉIAS – MARÇO DE 2003

- No dia 20 de março, a jornalista Sonia Montañó falará sobre o tema *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a Rede Globo*.
- Em 27 de março, o professor Dr. Luiz Gilberto Kronbauer exporá o tema *Ernani Maria Fiori: a educação popular a partir de um filósofo gaúcho*.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

Está pronta a programação da primeira etapa, correspondendo ao primeiro semestre de 2003, do Ciclo de Estudos sobre o Brasil. E já está em andamento a programação da segunda etapa, correspondendo ao segundo semestre. Para

⁵.- RAWLS, John. *Liberalismo Político*, São Paulo: Ática, 2000.

maiores informações, entrar em contato com a secretaria do IHU, através do telefone: (51) 590 8474.

1ª etapa :

10 de abril – 14h às 17h - Sala 1C103 - Gilberto Freyre - *Casa grande e senzala* - Prof. Paulo Staudt Moreira – PPG em História da Unisinos.

8 de Maio – 14h às 17h - Sala 1C103 - Sergio Buarque de Holanda – *Raízes do Brasil* - Eliane Cristina D. Fleck - PPG em História da Unisinos.

5 de Junho – 14h às 17h - Sala 1C103 - Euclides da Cunha – *Os Sertões* - Márcia Dutra - Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos.

12 de Junho – 20h às 22h - Sessão de clausura da primeira etapa – A identidade nacional - Auditório Maurício Berni - Centro 4 – José Miguel Soares Wisnik – USP.



E o entrevistado relâmpago desta edição é...



Ludger Teodoro Herzog

Natural de Rolante, terceiro de oito filhos, Ludger Teodoro Herzog reúne, em sua história, experiências diversas, como o trabalho numa alfaiataria, a vida no Seminário, a vivência em família e a árdua tarefa de administrar a Universidade. Pró-Reitor de Administração de 1990 a 1993, o Prof. Teodoro deixou o cargo temporariamente para completar seus estudos na Espanha. Lá realizou Master em Gestão Avançada e em Direção de Empresas, com especialização em Finanças, Marketing e Planificação Estratégica, pela Universidad Comercial de Deusto, em Bilbao. Doutorou-se em Gestão, pela mesma universidade, no Programa de Formação de Capital Humano para a América Latina, abordando a estratégia competitiva com base nos recursos. O Prof. Teodoro é atualmente Pró-Reitor de Administração da Unisinos.

Infância- Morei em Rolante até os 12 anos e fui para o Seminário, em Bom Princípio. A maior lembrança que tenho daqueles anos é o acesso a bons professores e a uma formação intelectual e cultural muito qualificada. Aos 16 anos, voltei para Rolante e trabalhei com meu pai na pequena fábrica de confecções que ele tinha, até que passei no concurso do Barrisul.

Profissão- No Banco, pedi transferência para Novo Hamburgo e fiz vestibular na Unisinos para Geologia e na UFRGS para Administração, optei por Geologia na Unisinos, onde acabei me formando em Administração. Em 1975, comecei a trabalhar na Universidade como tesoureiro e chefe da tesouraria no setor financeiro. Posteriormente, dirigi o núcleo de processamento de dados. Eu não entendia muito de informática, mas havia a necessidade de aproximar aquele

setor do funcionamento da Universidade como um todo. Em 1990, o Pe. Bohnen me chamou para ser Pró-Reitor de Administração. Foi uma aposta muito corajosa: um jovem leigo assumiria um cargo que sempre estivera nas mãos dos Jesuítas. Mas eu disse que, se ele acreditava, eu também acreditaria.

Autor- Edith Penrose, que aborda a teoria do crescimento da empresa.

Livros- São tantos! Eu gosto das novas idéias, mas não me fixo nos livros.

Família- Sandra e eu estamos casados há 23 anos. Temos duas filhas: Isadora, 16, e Júlia, 18, que estuda Direito na Unisinos. Nossa ida à Espanha foi muito importante para a família. Foram seis anos de muita partilha. Antes eu estava muito ausente. Conheci mais minhas filhas, e desenvolvemos o gosto por estar juntos, que ainda é muito forte.

Um presente- Não sei se é pela influência da cultura germânica, mas eu sou muito desconfiado em relação a presentes e elogios. Lido muito mal com isso. Prefiro uma opinião sincera. Gosto de discutir abertamente idéias. Isso é muito difícil. As pessoas se sentem facilmente agredidas. É necessário ter muita amizade por uma pessoa e muita confiança nela para testar idéias e buscar convicções.

Sonho- Ver o projeto Unicidade sendo reconhecido como nova presença importante dos Jesuítas no desenvolvimento da região. Que a sociedade possa sentir a influência da Universidade.

Unisinos- Estou há 27 anos na Unisinos. É uma parte importante da minha vida, e eu me sinto parte desta história. Vale a pena dedicar uma vida a uma obra. Prefiro esse tipo de trabalho a qualquer outro.

IHU- Vejo o IHU mais de longe do que gostaria, tenho que chegar mais perto. O Instituto trouxe uma qualidade e um diálogo que não havia antes. Agora sociólogos, filósofos e economistas falam com muita tranquilidade, e isso não era tão comum antes. O IHU tem ajudado nesse diálogo.

Missão- É difícil resumir minha missão na Universidade. Eu devo fazer com que os nossos recursos produzam os melhores resultados em função de melhorar a sociedade. Não construímos esta Universidade para beneficiar pessoas ou grupos particulares, e sim porque acreditamos que esta obra ajudará o desenvolvimento da sociedade

Comunicações da Coordenação

FOME I

No dia 24 de fevereiro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou da reunião dos vice-diretores dos Centros de Ensino da Unisinos. Nesta ocasião,

foram discutidas as possibilidades de participação da Universidade na discussão e implementação das iniciativas que visam a erradicar a fome no País. Estiveram presentes a profa. Dra. Berenice Corsetti, a Profa. Dra. Denize Righetto Ziegler, o Prof. MS Sérgio Endler, o Prof. MS Antônio Carlos Nedel, a Profa. MS Dagmar Rosana Sordi e o Prof. MS Volnei Pereira da Silva.

FOME II

Também no dia 25 de fevereiro, sob a coordenação do IHU, reuniu-se o grupo de trabalho constituído pela profa. MS Signora Peres Konrad, professora do curso de Nutrição, pela profa. Dra. Lucilda Selli, do PPG em Ciências da Saúde, prof. Dr. José Roque Junges, professor do PPG em Ciências da Saúde, e a profa. Dra. Neila Silvia Richards, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. O grupo de trabalho estuda a possível contribuição da Universidade na discussão acadêmica da fome no Brasil. Entre as possibilidades está o estudo do clássico *Geografia da Fome*, de Josué de Castro, e a participação no Banco de Alimentos.

SETOR II

No dia 25 de fevereiro, a coordenação do IHU esteve reunida com o coordenador do Setor Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade, prof. Dárnis Corbellini, e com o MS Telmo Adams. Foi discutido o plano de trabalho que Telmo Adams desenvolverá nesta área de concentração do IHU, que é constituída pelos grupos temáticos: Economia Solidária, Trabalho e Associativismo e Cooperativismo. Na mesma reunião, foi encaminhada a participação da profa. MS Vera Regina Schmitz, com oito horas semanais, e do prof. José Renato Soethe, com 12 horas semanais, na mesma área de concentração.

LITURGIA NA UNISINOS

No dia 25 de fevereiro, a coordenação do IHU esteve reunida com o Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor da Unisinos, e com o prof. José Moacir Gomes Pereira, chefe de gabinete, para tratar assuntos do serviço litúrgico na Universidade. O cuidado com a Capela Universitária, a organização e preparação do serviço litúrgico diário e das grandes festas ficará sob a coordenação do prof. José Moacir. Para isso, ele contará com a ajuda de Ana Maria Formoso e Cláudia Acosta do IHU. Agradecemos, desde já, ao prof. Moacir por este importante serviço e nos colocamos à disposição no que pudermos ajudar.

SOCIEDADE LAURA VICUÑA

No dia 25 de fevereiro, a coordenação do IHU esteve reunida com Claudia Acosta, Carolina Cerveira, Susana Rocca, Janaína Cardoso, Ana Formoso e Elena Pastorino, integrantes da Sociedade Laura Vicuña. Esta instituição tem um convênio de cooperação com a Sociedade Antônio Vieira - Unisinos, através do qual são realizadas atividades junto ao IHU. Na reunião, foi feito o plano de atividades para o ano de 2003.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

No dia 27 de fevereiro, a coordenação do IHU reuniu-se novamente com o grupo de trabalho que prepara o Ciclo de Estudos sobre o Brasil. Participam deste grupo a profa. Dr^a. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas, o prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa, do Centro de Ciências Econômicas, e o prof. MS. Fabrício Silveira, professor do Centro das Ciências da Comunicação. O Ciclo iniciará no dia 10 de abril, das 14h às 17h, com a apresentação e discussão do livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. O prof. Dr. Paulo Staudt Moreira, do PPG em História da Unisinos, abrirá o Ciclo.

QUARTA ÀS QUATRO

No dia 27 de fevereiro, a coordenação do IHU continuou o estudo do projeto *Quarta às Quatro* com o prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo, coordenador adjunto do Curso de Ciências Sociais e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos. O projeto pretende exibir e discutir um filme, todas as quartas-feiras, das 16 às 18h30min.

AULA INAUGURAL

No dia 6 de março, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, proferiu a aula inaugural do ano acadêmico do Instituto de Teologia de Passo Fundo, tendo como tema *A grande transformação do mundo do trabalho: desafios ético-teológicos e pastorais*.

ARTES VISUAIS

No dia 7 de março, a coordenação do IHU reuniu-se com Maria Tomaselli, artista plástica, com a profa. Dra. Márcia Tiburi, do PPG de Filosofia, e com a arquiteta e Profa. Dra. Themis da Cruz Fagundes, do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, para discutir a realização de um projeto do IHU na área das artes visuais. O projeto iniciará com uma exposição no saguão da Biblioteca Central da Unisinos, no mês de maio de 2003.

DOCUMENTÁRIO SOBRE AS MULHERES

Na sexta-feira, dia 7 de março, a coordenação do IHU esteve reunida com a profa. Cleci Favaro, do NUIEG, e com a coordenadora de programação da TV Unisinos, Analice Bolzan. No encontro foi discutida a possibilidade de realização de um vídeo-documentário com o tema *o papel das mulheres na sociedade contemporânea*.

MEMÓRIA

Estamos abrindo uma nova editoria que lembrará a vida e a obra de pessoas que são e/ou foram importantes na discussão dos temas relacionados com o projeto do IHU, cujas áreas de concentração são a ética, o trabalho e a teologia.

PAUL RICOEUR

*Celebrando os 90 anos do filósofo Paul Ricoeur, de quem publicamos um artigo no IHU On-Line nº 49, de 24 de fevereiro de 2003, páginas 7-8, traduzimos e publicamos a entrevista que ele concedeu ao jornal italiano **Il Corriere della Sera**, em 1º de março de 2003. Paul Ricoeur é autor, entre outros, dos seguintes livros traduzidos para o português: **Teoria da Interpretação. Discurso e o excesso de significado**. Lisboa: Edições 70, 2000; **O Mal. Um desafio à filosofia e à teologia**. São Paulo: Papyrus, 1998. O último livro publicado por Paul Ricoeur intitula-se **La Mémoire, l'histoire et l'oubli**. Paris: Seuil, 2003. Num próximo número publicaremos uma outra entrevista do mesmo autor, marcando assim este importante aniversário. As notas de rodapé são do IHU On-Line.*

“Os noventa anos, celebrados no final do mês de fevereiro, são luminosos. O filósofo Paul Ricoeur conserva intacta a juventude do pensamento. Fala como se a sua curiosidade fosse um incêndio sem fim. Talvez ele seja ajudado nisso pelo espírito que conseguiu imprimir nas universidades americanas onde ensinou por longo tempo. As suas aulas na Sorbonne e em Nanterre, centros universitários fundamentais na eclosão da ‘revolução de 1968’, sempre eram lotadíssimas. Ricoeur é amado pelos jovens que devoraram um dos seus livros de sucesso, *La mémoire, l’histoire et l’oubli* (*A memória, a história e o esquecimento*). Ele levou para a França a fenomenologia de Husserl e sempre foi inimigo dos modismos e das escolas. A sua pesquisa se orientou, sobretudo, sobre o mal e sobre a culpa. Deve ser um reflexo do seu ‘ser protestante’. Não há uma praia da ‘humanitas’ onde Ricoeur não tenha desembarcado: a história, a linguagem, a poesia, a psicanálise, a narrativa, como testemunho, e até a morte”. Ele diz: “Como se expressou Montaigne, estou vivendo uma espécie de dependência da morte⁽⁶⁾, de uma parte, aceitando-a como uma grande niveladora: o filósofo morre como todos as outras pessoas; por outro lado, sentindo um intenso amor pela vida: desejo viver, me dá prazer viver. Por isso devo lutar contra a tristeza, contra a aceitação da tristeza, que é quase um pecado, e contra a ameaça do sentimento ruim que consiste em dizer: “Tudo o que acontece já o vi antes. Não quero fazer da morte um ato de vida, mas quero sentir-me vivo até a morte”.

Il Corriere - A partir dos anos 1990, senhor Ricoeur, há uma extraordinária demanda popular de filosofia. Ela parece ser uma ajuda para todas as esferas da sociedade.

Ricoeur - A filosofia foi para a rua, como na antiga Grécia. Olho tudo isso com entusiasmo. As pessoas se sentem mais senhoras de si no que diz respeito aos pontos de referência tradicionais que são examinados novamente segundo uma hierarquia de valores e prioridades; a filosofia já não mais veste somente a indumentária da profissão universitária. O discurso filosófico perpassa o jornalismo ‘iluminado’ e chega até às crianças. Fazem-se perguntas elementares sobre o sofrimento, a vida, a morte, a desigualdade e a injustiça. A originalidade da filosofia está no produzir perguntas e problemas inesperados. Agora os grandes filósofos estão à mão. Um exemplo, entre tantos, é o livro de Gaarder, **O mundo de Sofia**⁽⁷⁾. Além disso, cada ser humano aparece como um centro de decisão e capaz de valorar.

Il Corriere - Mas o Mal, como o senhor diz muitas vezes, permanece uma ‘estrutura histórica contingente’. O nosso motor deve ser sempre o ódio? Vivemos, provavelmente, os últimos dias de um percurso para o massacre. Estamos nos aproximando de um absurdo histórico.

Ricoeur - O terrorismo provocou o retorno do medo. Toda a nossa civilização ocidental passou do otimismo cultural de Locke, filósofo inglês do século XVII, para o domínio da morte de Hobbes, também ele inglês e do mesmo período. Um mundo, este de Hobbes, onde reinam as ‘paixões tristes’, como eram chamadas por Spinoza. Os dias do ‘homo homini lupus’, os dias do homem que é lobo do homem. Nós nos distinguimos dos animais pela nossa crueldade. Que o homem queira fazer sofrer o homem e gozar com isso, eis algo tipicamente humano. A inveja, o ódio, o prazer da tortura: o homem traz no seu mais profundo as ‘paixões tristes’ como algo permanente. Hobbes se expressava nos tempos das guerras de religião e do aparecimento dos conflitos entre estados-nação. Portanto,

⁶.- A expressão italiana é: ‘assuefazione alla morte’.

⁷.- GAARDER, Jostein, **O Mundo de Sofia**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

é necessário, hoje, distinguir entre condições históricas precisas e aquilo que chamo de uma antropologia filosófica.

II Corriere - E a tarefa do filósofo?

Ricoeur - É colocar em relação as formas conjunturais e a malvadeza do homem. Deste ponto de vista a Shoah permanece como uma referência absoluta.

II Corriere - O senhor parece fascinado por Hobbes.

Ricoeur - Sim, e me pergunto se não há, nas nossas motivações profundas, algo de moral, uma espécie de disponibilidade para a amizade entre os homens, que faça um contrapeso à guerra de todos contra todos, ao erigir-se o monstruoso Leviatã, máquina, deus mortal e animal. A tal mito é necessário opor o mito político em primeiro lugar, aquele dos filósofos do direito natural e depois aquele da filosofia política liberal. Não é um acaso que o mundo anglo-saxão conseguiu fugir tanto do comunismo quanto do nazismo.

II Corriere - Bush faz a gente pensar no Leviatã?

Ricoeur - Não, porque o sistema constitucional o impede. O alemão Carl Schmitt escreve: “a soberania é a capacidade de decidir numa ‘situação de exceção’”. Não é um problema que diz respeito somente a Bush, porque todos os chefes de estado acreditam que eles são o centro de decisões extremas e que eles são os que decidem qual é a situação de exceção. A nossa filosofia do estado de direito é desprovida de meios para se opor.

II Corriere - De opor-se à guerra... Eis a presença incoercível do Mal.

Ricoeur - Em todo caso, os intelectuais devem resistir com as suas forças à idéia de uma guerra entre civilizações. É a guerra de um estado hegemônico como os EUA que será apoiado por uma ou mais potências. E, mais, não é uma guerra contra a figura total do Mal. Se haverá um conflito no Iraque, dever-se-á fazer apelo às ‘paixões benévolas’, à ajuda humanitária, manter acordado o ‘fundo de bondade’ do homem, porque o simples fato de o homem existir exprime bondade.

II Corriere - E se a guerra acontecer, depois virá também o momento do perdão.

Ricoeur - O problema não é perdoar, mas de pedir o perdão. Há momentos privilegiados em que gestos simbólicos obtêm um efeito. Penso no chanceler alemão Brandt que homenageou os mártires do gueto de Varsóvia. Um gesto simbólico dá coragem a quem luta pela reconciliação dos povos. Nós vimos nascer nestes últimos dias uma opinião pública internacional que faz refletir seja sobre o problema da representatividade dos que elegemos, seja sobre o aspecto singular da ‘vontade do príncipe’. Mas o cidadão não pode fazer a história, porque existem os outros graus da estrutura do poder, as eleições, os conflitos entre minorias e majorias, os centros de decisão extremos e o núcleo dos ‘agentes’ da estratégia internacional. O que mais me escandaliza é o fato de tomar posições ignorando as deliberações já feitas pela guerra. Parece-me ser como uma espécie de excomunhão da ‘igreja’ das vontades supremas. É um modo horrível de governar o mundo.

II Corriere - O senhor não imagina um Bush pedindo perdão ajoelhado na direção de Meca?

Ricoeur - Não, não imagino, porque Meca é um centro religioso e porque não se fará guerra contra o Islã como religião. Devemos dar uma possibilidade à inteligência islâmica, ao Islã culto e digno da época de ouro

entre o século XI e o século XII, com os seus pensadores e os seus poetas. Foram os árabes que redescobriram os grandes textos de Aristóteles.

Interativo

CARTAS DO LEITOR

À Equipe do IHU On-Line:

Muito obrigado pelo envio do Informativo do Instituto Humanitas.

*Abraços indígenas,
João Oliveira Souza – Cuiabá - MT*

Agradeço o recebimento do IHU On-Line. Sou professora e coordenadora do Ensino Fundamental em minha escola e pretendo utilizar este material na formação/qualificação de nossos professores. Gostaria de continuar recebendo o IHU On-Line. Aproveito a oportunidade para parabenizá-los pelo excelente material. Sou pesquisadora na área das tecnologias digitais aplicadas à educação e gostaria de informações sobre a possibilidade de envio de artigos nesta área para eventual publicação.

Att Estela Rovedder

O IHU On-Line nº 49 está bastante diversificado. Gostei do depoimento da prof^ª. Paula Caleffi e do Marcelo Nahr - funcionário da Editora Unisinos – (temática da paz). Os dois articularam o local com o global. Já a idéia da Marie Ann Krahn (dos sinos pela paz), não me entusiasmou muito. Não me parece uma boa idéia escutar uma empresa apitando. Apito de fábrica não desperta bons sentimentos. Já o boicote à Esso é uma idéia inteligente. As frases estão excelentes. Impressiona, chama a atenção, a multiplicidade de atividades promovidas pelo IHU: Simpósio; Abrindo o livro; Ciclo de Estudos Ética, Religião e Pós-Modernidade; Ciclo de Estudos sobre o Brasil. Coisas “pra caramba”. Achei legal também as novas editorias”.

Cesar Sanson, mestre em sociologia das organizações – pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - Cepat – Curitiba - PR

Quero agradecer ao Instituto Humanitas Unisinos por esse Informativo. Está de ótima qualidade e de bom gosto. Sinto que precisamos cada vez mais de informações que possam esclarecer o nosso povo da real situação em que nos encontramos.

Por fim, desejo que esta guerra maldita, patrocinada pelo Mal Bush, não se concretize. Temos que nos colocar contra a destruição e em defesa da autodeterminação dos povos. Não defendo Sadan, mas é o povo do Iraque que tem de tomar as suas decisões políticas com relação a eles mesmos.

Muito obrigado por terem me enviado esse excelente informativo. Espero receber outros.

*Um Abraço,
Sidnei Martins - Minas Gerais*

Profissionalismo

Apreciei muito o profissionalismo de IHU On-Line, reconhecendo as falhas ocorridas. Obrigado.

*Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino
Vice-reitor da Unisinos
Professor e coordenador do PPG em Filosofia*

Dear Friends (Queridos Amigos),

Thank you for sending me your Boletim. I like layout and contents. May our Lord bless your good work.

(Obrigado por me enviarem o Boletim de vocês. Eu gostei da disposição e dos índices. Rezo para nosso Senhor abençoar o bom trabalho de vocês).

*Roswitha Cooper
Fundação Eugen Luther
Roma - Itália*

Porto Alegre, 02-03-03

Gostaríamos de receber o Boletim IHU via correio eletrônico. Nosso e-mail é ressaojose@terra.com.br Parabéns pela iniciativa do Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal!

Eloy Oswaldo Guella - Porto Alegre - RS

Gostei muito do IHU On-Line. Repassei-o para um colega e provavelmente outros poderão se interessar.

*Maria Soares de Camargo
Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas -SP*

São Leopoldo, 28 de fevereiro de 2003.

Caras Amigas, Caros Amigos:

É com alegria que socializamos nossa programação principal, convidando a todos e a todas a partilharem conosco esses momentos, bem como, se possível, a divulgação em sala de aula e outros espaços onde possa haver interesse em participar.

O evento - Protagonismo, Educação e Gênero - realizado em parceria com o Fórum de Mulheres de São Leopoldo, Secretaria Municipal de Saúde e outros setores da Universidade, tem como objetivo educar para não discriminar, com ênfase na importância das políticas sociais públicas na perspectiva de gênero.

Estará aberta ao público em geral, na sala 06 da Antiga Sede da Unisinos - sita à Rua Brasil, 725, Centro - das 08:30hs às 11:30hs e das 14:30hs às 17:00hs, de segunda à sexta-feira, uma extensa programação (exceto os exames preventivos de câncer do colo do útero - Papanicolau - já agendados previamente pelas líderes

de grupos das comunidades que participam do Fórum) alusiva ao 08 de março e a temas/realidades de interesse das mulheres.
Segue a programação completa do evento, para a qual reiteramos o convite à participação.

*Cordialmente,
Prof^ª Ms. Clair Ribeiro Ziebell
Assistente Social - CRESS 2526*

Sala de Leitura



“Li recentemente o livro *Trabalho & Consumo. Para além dos parâmetros curriculares*, de Araci Hack Catapan e Zeina Rebouças Corrêa Thomé. Editora Insular, 119 páginas, publicado em Florianópolis, 1999. O trabalho de Catapan e Thomé é uma importante contribuição para a discussão dos temas transversais e o currículo do Ensino Fundamental e Médio. Analisa as contradições da sociedade contemporânea e as relações entre educação, tecnologia, consumo, produção, conhecimento e trabalho. Discute as características do processo de formação e trabalho, detalhando as inovações em seus conteúdos. Trabalha, também, a fundamental característica do processo de trabalho escolar - o conhecimento -, em seu caráter dinâmico e como seus produtos podem servir de meios, possibilitando processos de trabalho em outros níveis. Traz relevantes dados, configurando as exclusões produzidas no mundo contemporâneo entre ricos e pobres, constituindo os consumidores dominantes e a incidência em problemas de exaustão ambiental, com base no Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, 1998. É um livro cuja leitura se recomenda para todos os educadores que atuam em educação básica e que desejam uma educação crítica, voltada para valores humanos e de preservação do meio ambiente, atenta para as contradições envolvidas nas relações entre escola, trabalho, consumo e cidadania”.

Prof.ª. Dra. Flávia Werle, doutora em Educação, diretora de pós-graduação da Proenpe e professora do PPG em Educação.



“Estou lendo *Genetic fuzzy systems: Evolutionary tuning and learning of fuzzy knowledge bases*, de Oscar Cordón e outros autores, publicado em Singapura pela World Scientific, em 2001. Tem 462 páginas. O livro trata de sistemas baseados em regras difusas, desenvolvidos através de sistemas híbridos com redes neurais, raciocínio baseado em casos e algoritmos genéticos. Este assunto enquadra-se na área de inteligência artificial. Este livro me acompanhou praticamente durante todo o ano de 2002, e foi muito útil para o desenvolvimento de minha tese de doutorado. A lógica difusa é uma forma adequada para o tratamento de problemas baseados em conhecimento, os quais geralmente contêm grande dose de incerteza ou imprecisão. Há inúmeras aplicações na Engenharia, de sistemas para avaliações de imóveis a controles de deslocamento de elevadores. A vantagem deste livro é que os autores são pesquisadores de larga experiência, incluindo diversos exemplos práticos, além da redação ser clara e facilmente inteligível”.

Prof. Dr. Marco Aurélio Stumpf González, doutor e mestre em Engenharia Civil e professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas.



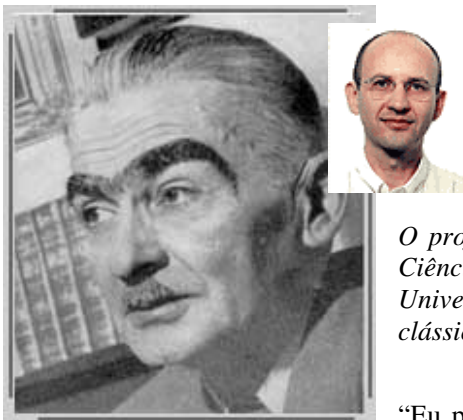
“Minha leitura atual é *A Unidade do Conhecimento. Consiliência*, de Edward O. Wilson. Editora Campus, 320 páginas, 1999. O autor, biólogo, um dos mais importantes *schoolers* norte-americanos, pretende chamar a atenção sobre a necessidade de todos os ramos das ciências se voltarem para uma integração, em benefício da sobrevivência da humanidade. Ele pretende a Unidade do

Conhecimento e chegou a criar um neologismo - Consiliência - e assim, reduzirmos a enorme influência das especializações. Ele também é um arauto da transdisciplinaridade, e a leitura de sua obra oferece boa contribuição para quem se dedica ao tema, um dos programas aqui na Unisinos”.

Prof. Enio Klein, diretor da Diretoria de Relações Nacionais e Internacionais – DRI e professor do Centro de Ciências Econômicas.

O Meu Clássico

O Meu Clássico traz o autor de cabeceira dos membros da comunidade universitária.



O prof. Dr. Luiz Henrique Ronchi, professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, doutor em Geologia pela Université D'orléans, UO, França, fala hoje sobre o seu clássico:

“Eu poderia citar, de coração aberto, Simone de Beauvoir e seu contagiante romance existencialista, *Todos os Homens São Mortais*, Marguerite Yourcenar e o magnífico romance histórico *Memórias de Adriano*, ou Thomas Mann e seu grandioso *A Montanha Mágica*. Porém, como não lembrar dos inconfessáveis Isaac Asimov e a psico-história da *Fundação*, além da *Odisséia Espacial*, de Arthur C. Clarke? São todos autores que li com muito prazer, mas, na realidade, aquele que mais me influenciou foi nosso prosaico Monteiro Lobato”.

Monteiro Lobato

Monteiro Lobato, escritor, romancista e jornalista brasileiro, nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882, e faleceu na capital de São Paulo, em 4 de julho de 1948. Seus primeiros estudos foram feitos em Taubaté. Transferiu-se para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito pela qual bacharelou-se em 1904. Pelo muito que fez à nossa literatura, consagrou-se-lhe o “Dia do Livro”. Sua obra compreende 30 volumes, sendo 13 de assuntos gerais e 17 de literatura infantil. Lobato conseguiu criar um mundo novo, repleto de personagens, especialmente na literatura infantil, simpáticos, que se tornam amigos da criança por toda a vida.

“Essa influência me pegou de calças curtas. Tive a sorte de ler o *Saci* com dez anos de idade e nunca mais esqueci o final da história, quando o personagem mitológico desaparece e deixa um miosótis sobre o travesseiro de Narizinho, explicando que o nome dessa flor, em inglês *forget-me-not*, significa “não te esqueças de mim”. Em seguida, mergulhei nos *Doze Trabalhos de Hércules*, decorei *O Minotauro*, atravessei *O Poço do Visconde*, que trata de petróleo, e toda a coleção infanto-juvenil. À medida que fui crescendo, descobri os muitos

contos (*Urupês*, *A Onda Verde*, *Idéias de Jeca Tatu*) e artigos do grande empreendedor, ao mesmo tempo nacionalista e cosmopolita, que foi Monteiro Lobato. Ele escreveu até mesmo um atualmente desconhecido romance de ficção científica chamado *O choque das raças*, no qual, por meio de um aparelho chamado “porviroscópio”, ele descreve um futuro distante (em 2228). Nesta época, os Estados Unidos da América teriam seu primeiro presidente negro, e o Brasil estaria dividido em dois países: o Sul, rico e unido com Argentina, Uruguai e Paraguai, e o Norte, pobre. Dessas leituras, nasceu minha curiosidade não só sobre o passado e romances históricos, mas também pelos futuros possíveis e impossíveis, tais como descritos pela ficção científica e romances de fantasia. Meus estudos em Geologia foram, assim, a seqüência lógica de procurar a compreensão de um passado mais distante e de visualizar um futuro mais longínquo e, desta maneira, quem sabe, estabelecer um sentido aceitável para a vida. Estou absolutamente convencido de que o caminho da Montanha Mágica passou pelo Sítio do Pica-Pau Amarelo.

ERRATA

Prezados leitores e leitoras,

A edição n.º 49 do boletim IHU On-Line do dia 24 de fevereiro foi expedida com alguns erros lastimáveis. O mais crasso, pelo qual lhes pedimos desculpas, foi a grafia do nome de Paul Ricoeur do qual publicamos um artigo intitulado "Imaginar a paz ou sonhá-la?"

Os outros erros, pelos quais nos desculpamos, foram:

1. O expediente, onde consta a equipe responsável que elabora o boletim, acidentalmente não foi inserido nesta edição.
2. A introdução da editoria *Filme da Semana* anuncia que, além do artigo de Neusa Barbosa sobre o filme, seria publicada, em seguida, uma entrevista com o diretor. Esta entrevista não consta do boletim, apenas o artigo.

Pedimos desculpas mais uma vez por estes erros. Estamos redimensionando o nosso trabalho, para que tais erros não mais ocorram.

Contando com a compreensão dos senhores e senhoras, agradecemos a atenção.

Sonia Montañó - Jornalista
Pela Redação

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail nas segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade.

Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Profª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS